

Escola Superior de Educação de Castelo Branco



8570

Contribuição para o estudo de construções nominais predicativas com o verbo suporte Fazer

001.89 FRE Con

VIRGÍNIA MARIA DA SILVA BRUNHETA DIAS FREIXO

**CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO
DE CONSTRUÇÕES NOMINAIS PREDICATIVAS
COM O VERBO-SUPORTE *FAZER***

Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa
Descritiva apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
CASTELO BRANCO
OFERTA

Lisboa 1992

CON

ARI

LI

LI

AR

ICE

ÍNDICE	Pág.
AGRADECIMENTOS	4
SÍMBOLOS E CONVENÇÕES	5
0. INTRODUÇÃO	7
Cap. I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	23
1 - NOMINALIZAÇÕES	24
1.1 A perspectiva da Gramática Tradicional	24
1.2 A abordagem estrutural	26
1.3 A proposta da gramática generativa	28
1.4 A posição de Z.S.Harris	36
1.5 A metodologia do Léxico-Gramática	44
2 - NOÇÃO TEÓRICA DE VERBO-SUPORTE	51
2.1 Verbo-suporte: propriedades sintáticas e semânticas ..	54
2.2 Verbo operador: propriedades sintáticas e semânticas..	56
2.2.1 Fazer - Verbo operador causativo	58
2.3 Fazer - Pro-verbo	62
3 - NOME PREDICATIVO	66
3.1 Caracterização	66
3.2 Propriedades que distinguem o nome predicativo dos nomes não predicativos	67
3.2.1 Relação de NPred a N0	67
3.2.2 Formação do GN =: O N de N0 Prep N1, equivalente à construção: N0 FAZER Det N Prep N1	69
3.2.3 A interrogativa em Que	71
3.2.4 A descida do advérbio	74

	Pág.
Cap. II - NOMES PREDICATIVOS QUE SELECIONAM VSUP =: FAZER ..	75
1. PROPRIEDADES LEXICAIS E SINTÁCTICAS DE NPred COM Vsup FAZER.	76
1.1 NO =: Nhum, N-hum, Nnr	76
1.2 Natureza lexical de N	78
1.3 Determinantes	83
1.3.1 Modificadores	88
1.4 Os complementos preposicionais	91
1.4.1 Dupla análise de (Prep N1) e de (Det N Prep N1) ..	91
1.5 Os complementos no infinitivo	111
1.6 As completivas	114
1.6.1 A completiva Que F	114
1.6.2 A completiva Que Fconj	116
2. EXPRESSÕES COM ELEMENTOS FIXOS	118
Cap. III - COMENTÁRIO DAS TÁBUAS	123
0. INTRODUÇÃO	124
1. TÁBUA F1 : NO FAZER Det N	127
1.1 Propriedades sintáticas	128
1.1.1 Complemento no infinitivo	129
1.1.2 Alternância entre de Nhum e a Nhum	131
1.2 Determinantes	135
1.3 Comparação entre FAZER V-n e construção verbal associada	139
2. TÁBUA F2 : NO FAZER Det N (E + Prep N1)	141
2.1 Propriedades sintáticas	143
2.2 Determinantes	144
2.3 Os complementos locativos: NO FAZER Det N Loc N1	144

	Pág.
2.4 Expressões simétricas: NO FAZER Det N com N1	144
2.5 Construção NO FAZER Det N entre N1 e N2	153
3. TÁBUA F3 : NO FAZER Det N (E + a N1)	155
3.1 Determinantes	156
3.2 Comparação entre FAZER V-n e construção verbal equivalente	157
3.3 Complementos no infinitivo	159
3.4 Completivas	160
4. TÁBUA F4 : NO FAZER Det N de N1	164
4.1 Frases simples ou frases complexas?	166
4.1.1 Critérios de distinção entre frases simples e frases complexas	167
5. TÁBUA F5 : NO FAZER C	173
6. TÁBUA F6 : NO FAZER C Prep N1	175
7. TÁBUA F7 : NO FAZER C a N1	177
CONCLUSÃO	178
BIBLIOGRAFIA	181
ANEXOS	

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor João Malaca Casteleiro agradeço a orientação científica que desde o início me deu para a elaboração deste trabalho, as críticas feitas e o incentivo para a sua concretização.

Para a Doutora Maria Elisa Macedo um agradecimento muito especial pelas valiosas críticas que foi fazendo durante a feitura deste estudo, que gentilmente acompanhou e apoiou.

Aos meus Pais agradeço a paciência com que suportaram a longa gestação deste trabalho e o ânimo que sempre me souberam dar para a sua prossecução.

Ao João, meu marido, um agradecimento pelo empenho que sempre demonstrou na concretização deste projecto e pela força que sempre me deu para que eu atingisse esta meta.

Agradeço ainda à Comissão Instaladora da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, nas pessoas dos Drs. José Figueiredo Martinho, Domingos Rijo e Valter Lemos, pelo apoio material que me prestaram.

Finalmente, devo um agradecimento ao meu colega e amigo José Carlos Mocito, pela formatação e impressão deste trabalho e pela minha iniciação nos meandros da informática.

SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

V : verbo

Vsup : verbo-suporte

Vop : verbo operador

V0inf : complemento no infinitivo cujo sujeito se refere a N0

Adj : adjectivo

N : nome (representa também um predicado nominal)

GN : grupo nominal

Adj-n : nomes morfológica, sintáctica e semanticamente ligados a Adj

V-n : nomes morfológica, sintáctica e semanticamente ligados a V

Ni : nome que ocupa uma determinada posição sintáctica numa construção: N0 representa o sujeito, N1, N2... designam os vários complementos

NPred : nome predicativo

Nclass : nome genérico, classificador

Npc : nome que designa uma parte do corpo

Nhum : nome de tipo humano

N-hum : nome de tipo não-humano

Nnr : nome não restrito

Que F : completiva no indicativo

Que Fconj : completiva no conjuntivo

Det : determinante

o : o, a, os, as

um : um, uma, uns, umas

E : determinante zero

Poss0 : possessivo co-referente a N0

Poss1 : possessivo co-referente a N1

Prep : preposição

Modif : modificador (adjectival, adverbial, relativo, etc.)

- Loc : complementos locativos e preposições locativas
- W : qualquer sequência de elementos não especificados
- = : sinal de equivalência entre frases ou estruturas
- =: : sinal que especifica a realização lexical de uma categoria ou de uma estrutura
- ≠ : sinal de não equivalência entre frases ou estruturas
- # : marca de fronteira ou de independência
- * : marca de não aceitabilidade
- ? : marca de aceitabilidade duvidosa
- () : contêm séries de elementos separados por vírgulas que podem comutar (ou não, se marcados "*"); podem ainda encerrar um elemento facultativo
- [] : especificam a operação sintáctica aplicada ou a aplicar. Por exemplo: [X z.] significa que o elemento X se reduz a zero

0. INTRODUÇÃO

O objectivo deste trabalho consiste no levantamento e estudo extensional dos nomes predicativos que se constroem com o verbo-suporte *Fazer* e na análise e descrição das características lexicais e sintácticas dessas construções nominais predicativas.

Este estudo insere-se no quadro teórico do Léxico-Gramática, baseado na gramática de operadores de Z. S. Harris cujos princípios teóricos exporemos no capítulo I (pontos 1.4 e 1.5)⁽¹⁾.

Parte-se do pressuposto de que existem numerosos substantivos que, tal como os verbos e os adjectivos, devem ser considerados e analisados como operadores que se constroem com um determinado número e tipo de argumentos, isto é, como predicados que têm sujeitos e complementos: são verdadeiros predicados semânticos e sintácticos exercendo funções construtoras.

Assim, em:

- (1) O João faz críticas a certos programas da televisão
- (2) A Maria tem admiração pelos actores norte-americanos
- (3) Os trabalhadores estão em luta pela melhoria de vida

considera-se que os substantivos *crítica*, *admiração* e *luta* constituem os núcleos das frases, tal como os verbos *Criticar*, *Admirar* e *Lutar* que lhes correspondem nas frases de predicado verbal:

- (1') O João critica certos programas da televisão
- (2') A Maria admira os actores norte-americanos
- (3') Os trabalhadores lutam pela melhoria de vida

(1) O presente trabalho não seria possível sem a contribuição de vários estudos desenvolvidos no mesmo âmbito teórico-metodológico, a partir de Harris e M. Gross, nomeadamente as obras fundamentais de E. Ranchhod (1988), para o português, e de J. Giry-Schneider (1978a e 1987), para o francês, as quais seguimos de perto, como não podia deixar de ser, e que são referidas em várias ocasiões, no decurso da exposição, não o sendo mais vezes para evitar sobrecarregar o texto.

Em relação a E. Ranchhod (1988) convém mencionar que, embora tenhamos seguido e citado o texto apresentado como tese de doutoramento naquela data, a mesma obra, quase sem alterações, se encontra publicada sob o título Sintaxe dos Predicados Nominais com ESTAR, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1990.

Nomes como *crítica*, *admiração* e *luta* são, pois, os predicados nominais das frases em que ocorrem e os verbos que os apoiam flexionalmente: *Fazer*, *Ter* e *Estar* são chamados verbos-suporte ⁽¹⁾.

Entre as frases nominais (1), (2) e (3) e as frases verbais (1'), (2') e (3') existe uma relação, designada por alguns autores como uma relação de nominalização.

De acordo com M. Gross (1983) é evidente que o nome tem, como o verbo, uma função predicativa, isto é, selecciona os seus argumentos que, como os argumentos do predicado verbal, têm uma distribuição previsível ⁽²⁾.

Consideremos agora a frase (4):

(4) O João faz uma pausa

Embora o verbo "Pausar" não exista, é o nome *pausa* que é o núcleo da frase, sendo o verbo *Fazer* um suporte gramatical cuja função é conjugar o *N* predicativo *pausa*. A este tipo de predicado nominal é dada a designação de predicado nominal autónomo.

De facto, os verbos-suporte, e especificamente, o verbo-suporte *Fazer*, não surgem apenas nas relações de nominalização, constroem-se também com nomes predicativos autónomos, que não estão associados nem sintactica, nem semantica, nem morfológicamente a verbos ou a adjectivos.

(1) Desempenham, portanto, um papel idêntico ao dos auxiliares e modais numa construção verbal.

(2) "Dans le cas d'un dérivé de verbe comme *participation*, la chose est claire: ce nom partage les propriétés du verbe *participer* (*Il participe à un jeu, sa participation à un jeu*). Mais dans le cas de noms comme *rôle* ou *avant-propos*, il est moins évident que l'on a affaire à des noms prédictifs. Nous suivons Z. S. Harris 1964, qui les sépare des noms concrets comme *papier* ou *cendrier* (...).

En fait, nous allons considérer que ces noms forment le noeud de certaines phrases, de la même façon que les verbes (...)"

Como já referimos, este estudo das construções predicativas com verbo-suporte *Fazer* assenta na ideia basilar de que os nomes predicativos requerem uma estrutura argumental.

De facto, quando inseridos em construções com outros verbos, que não são verbos-suporte, os nomes predicativos como *crítica* ou *pausa*, conservam os mesmos argumentos que dominam na frase com verbo-suporte. Tomemos como exemplo o *N* predicativo *oferta* em (5) e em (6):

(5) O João fez uma oferta à Maria

(6) A oferta do João à Maria foi muito elogiada

Nesta perspectiva, em (6), o *N* predicativo *oferta* pode ser descrito como uma frase simples que tem os mesmos argumentos que a frase (5): *João* e *à Maria*.

Fundamentamos, então, o nosso estudo na hipótese de que os nomes predicativos não são grupos nominais de base mas sim reduções de frases simples construídas com verbo-suporte, isto é, as frases simples com verbo-suporte são redutíveis a grupos nominais por aplicação do mecanismo de redução da relativa, postulado, conforme refere E. Ranchhod (1988), por A. Daladier (1978), e M. Gross (1981) na Regra de Redução de Relativa [Red Vsup].

Nesta ordem de ideias teremos:

A oferta que o João fez à Maria [foi muito elogiada]

A oferta do João à Maria [foi muito elogiada]

A oferta do João à Maria

Por aplicação da operação de redução da relativa [Red Vsup] numa frase relativa com verbo-suporte obtemos um grupo nominal complexo:

GN =: *O N de NO Prep N1*

=: a oferta do João à Maria

Esta perspectivação do problema da formação dos grupos nominais complexos permite clarificar dois aspectos cruciais:

a) Por um lado, possibilita um enfoque novo sobre as relações entre os verbos e os nomes. Assim, estas relações não se reduzem a restrições de selecção entre um verbo e um nome mas entre um verbo e uma frase. De facto, numa frase como:

NO V [N de N a N]1 =:

O Pedro apreciou a oferta do João à Maria

temos uma relação entre o verbo apreciar e uma frase:

NO Fazer Det N a N1 =:

O João fez uma oferta à Maria

Verificamos também uma diferença semântica, já que com o verbo apreciar não é o Pedro que faz a oferta mas outro N, com função de sujeito, na frase com Fazer.

b) Por outro lado, ao admitirmos que certos GN são reduções de frases, encontramos explicação para as diferenças de comportamento sintáctico que se registam quando os grupos nominais complexos estão dependentes de um verbo-suporte e quando estão dependentes de um verbo

pleno. Se aplicarmos o teste da extracção "Ser...que" ao GN =: a oferta do João à Maria da frase:

O Pedro apreciou a oferta do João à Maria

verificamos que o grupo O N de N0 a N1 não pode ser submetido a extracção:

* Foi à Maria que o Pedro apreciou a oferta do João

Já na construção com verbo-suporte *Fazer* se verifica a possibilidade de extracção do mesmo complemento, o que prova que todos os constituintes são argumentos do N =: oferta:

Foi à Maria que o João fez uma oferta

Tradicionalmente, algumas destas expressões são tratadas nos dicionários sob a designação geral de "locuções verbais", a par de "expressões idiomáticas" e de "expressões fixas", ressaltando portanto a ideia de que há nomes que formam com verbos tais como *Fazer*, *Ter*, *Estar*, *Dar*, etc, locuções verbais equivalentes a verbos simples.

Morais (1953) vai mais longe referindo acerca do verbo *Fazer* que este pode "tomar com substantivos que o sigam o valor dos verbos cognatos (1) deste" e indica exemplos como: "Fazer progressos, por progredir; fazer pena, por penalizar; fazer menção, por mencionar". Este é o lexicógrafo que intuitivamente mais se aproxima das noções de "nominalização" e de "construção nominal com verbo-suporte", posteriormente introduzidas nos estudos linguísticos.

Os exemplos que apresenta são, de facto, construções nominais

(1) Verbos que têm o mesmo radical.

predicativas com verbo-suporte *Fazer*. No entanto, considera sob a designação geral de "locuções verbais" um grande número de construções em que o verbo *Fazer* é verbo-suporte de nomes predicativos, como: *fazer* (*cenar + companhia + desfeita + jogo*) e muitas outras que reunimos nas respectivas Tábuas de acordo com as suas construções sintácticas.

Uma pesquisa sobre a classificação deste verbo em várias das gramáticas da língua portuguesa revela que, na sua generalidade, esses estudos gramaticais não lhe atribuem lugar de relevo, sendo apenas referido nos três esquemas sintácticos característicos, isto é, no seu emprego transitivo, intransitivo e impessoal.

A Gramática Tradicional, que dá primazia ao estudo das unidades lexicais segundo uma perspectiva exclusivamente paradigmática, sem atender à sua relação com os outros elementos da frase, estabelece duas grandes categorias gramaticais: a dos nomes e a dos verbos. Nesta abordagem lógico-semântica, os verbos são caracterizados pela sua necessária função de predicados de frase. Assim, nesta perspectiva, os nomes são argumentos dos verbos.

No contexto da Gramática Generativa-Transformacional, Maria Helena Mira Mateus et al. (1983) referem, no quadro do estudo do Objecto Directo : "Com certos verbos transitivos que exprimem tipos gerais de eventos ou processos, o argumento que deveria ocorrer como OD final pode ser incorporado no verbo ⁽¹⁾, passando este a exprimir um subtipo desse tipo geral de eventos ou processos" (p. 227). Este "processo de incorporação do argumento que desempenha a função sintáctica de OD no verbo" é ilustrado com um exemplo onde surge o verbo *Fazer* e que é claramente evidenciador de uma relação de nominalização:

- (a) O Presidente *fez* (um discurso) OD na Assembleia
- (b) O Presidente (discursou) V na Assembleia

(1) O sublinhado é das autoras.

Também em relação ao Objecto Indirecto referem: "(...) Com dar ou fazer, seguido de um OD que designa um estado de coisas, OI é frequentemente [-ANIMADO](...)" (p.230). No exemplo com o verbo Fazer:

"fazer (uma limpeza) OD a (a casa) OI" ⁽¹⁾
à

registra-se o mesmo fenómeno de incorporação de OD no verbo, passando o argumento OI a funcionar como OD :

"limpar (a casa)OD"

No entanto, o termo "nominalização" é entendido por estas autoras com um sentido diferente do que seguimos neste estudo. De facto, ele surge no contexto do tratamento da derivação imprópria, no qual adoptam a posição da Teoria Standard Alargada, considerando a derivação nominal não como um processo transformacional, mas como um processo lexical, distinguindo-se, inclusivamente do conceito de Chomsky (1970) que põe em relação um grupo nominal e uma frase.

A teoria da Gramática de Valências foi aplicada ao português por W. Busse e M. Vilela (1986).

No contexto desta gramática, o verbo é a categoria mais indicada para desempenhar a função predicativa na frase sendo, portanto, o seu centro nuclear e o que determina a sua estrutura de base, quer do ponto de vista sintáctico quer semântico. Estes pressupostos teóricos apontam claramente para a impossibilidade de aplicação da noção de "valência" aos verbos designados pelos gramáticos alemães, precursores

(1) Referem ainda que estas construções admitem um OBL em vez de um OD : "fazer (uma limpeza)OD n(a casa)OBL".

da teoria valencial, como "funcionais" e que correspondem aos verbos operadores de Harris e de M. Gross.

Peter von Polens criou a designação de "verbos funcionais" em 1963, englobando esta "os verbos que fazem parte de uma forma ampliada com um substantivo deverbal equivalente de modo mais ou menos aproximado ao de um verbo simples" (p.81). As formas ampliadas do tipo: "fazer o estudo do assunto" podem substituir os verbos simples ("estudar um assunto") em muitos contextos.

Na gramática de valências, os verbos operadores são considerados como verbos que, de modo geral, correspondem à gramaticalização de verbos plenos e entram numa construção perifrástica, que contém geralmente uma nominalização deverbal do tipo:

Perguntar

Fazer uma pergunta

W. Busse e M. Vilela (1986) acrescentam ainda que estes verbos pertencem ao grupo dos auxiliares pois apresentam uma significação nitidamente gramaticalizada, perdendo parte de seu significado lexical. O verbo *Fazer* é integrado por estes autores no número dos verbos funcionais mais frequentes, ao lado de *Ter*, *Pôr*, *Dar*.

Concluimos, assim, que estes autores referem a existência dos verbos operadores e algumas das suas características sintáticas, embora não estabeleçam a distinção entre verbo operador e verbo-suporte, noção que, aliás, não mencionam.

O verbo *Fazer* foi tratado sob uma perspectiva diferente da que foi por nós adoptada no estudo de D. Willems (1979) sobre verbos derivados. Este estudo está inserido no contexto das pesquisas desta autora sobre a relação entre sintaxe e semântica (D. Willems 1975)

A equivalência sinonímica entre adjectivo aspectual e advérbio parece não se verificar :

A cozinheira faz pastéis deliciosos

* A cozinheira faz pastéis deliciosamente

Um estudo mais aprofundado destas construções ⁽¹⁾, com um número de dados maior, possibilitaria analisar estes problemas sob outra óptica, confirmar as hipóteses aqui levantadas ou substituí-las por outras. O estudo de aspectos como o carácter lexical de *N0*, os seus determinantes, e outros que agora não se revelam, constituirá, por certo, um centro de interesse para trabalhos posteriores.

(1) Tal como veremos em 3., também com estes nomes as propriedades sintácticas e a possibilidade de ocorrência de determinadas transformações depende da forma do determinante de *N1*.

3. NOME PREDICATIVO

3.1 Caracterização

A elaboração das listas dos *N* predicativos com *Vsup Fazer* implica a caracterização prévia desses nomes.

As expressões com verbo-suporte possuem propriedades formais comuns a outras construções, como a passivação, a pronominalização, a formação de relativas, etc., mas existem propriedades sintácticas que lhes são peculiares e que foram evidenciadas pelos vários trabalhos sobre os verbos-suporte levados a cabo no contexto teórico do Léxico-Gramática.

Como já referimos, as combinações *Vsup N* não podem ser descritas em termos de restrições de selecção entre *V* e *N*. Assim, por exemplo, *N* não é seleccionado por *V*, as restrições verificam-se antes ao nível dos elementos nominais das construções. Tal como acontece com *V* ou *Adj* quando são núcleos das frases em que ocorrem, também é o operador *N* de uma construção com *Vsup* que selecciona os seus argumentos. Serão predicativos os *N* resultantes de uma nominalização, como *declaração* em:

A Maria fez a declaração dos seus rendimentos anuais
= A Maria declarou os seus rendimentos anuais

Intuitivamente sabemos que nomes como *delito* ou *apologia*, que não têm correspondente verbal, designam "processos" ou "resultados de processo", enquanto que *cadeira* ou *bolo* designam objectos concretos. Mas a intuição e a oposição concreto/abstracto não são suficientes para levar a bom termo o estudo que nos propusemos fazer. Impõe-se que procuremos critérios sintácticos operatórios que confirmem ou não a nossa intuição.

3.2. Propriedades que distinguem o nome predicativo dos nomes não predicativos

3.2.1 Relação de *NPred* e *NO*

Numa frase com *Vsup* a combinação entre o *N* predicativo e o *Vsup* tem um comportamento sintáctico bem determinado, diferente daquele em que o nome aparece na posição de argumento de verbo pleno.

Assim, em:

(1) A polícia faz uma busca na casa do Pedro

o *N busca* tem um sujeito que é o sujeito gramatical do verbo *Fazer*: é a polícia que faz a busca. Esta situação não se verifica, por exemplo, numa frase como:

(2) A Maria faz um bolo

Confrontemos as frase (3) e (4):

(3) A Maria faz o bolo do João

(4)* A polícia faz a busca do Luís na casa do Pedro

Um nome como *bolo* pode ter um complemento *de Nhum* enquanto que um *N* como *busca* não. Isto mostra que um *N* como *busca* tem um sujeito; com o verbo-suporte *Fazer* esse sujeito confunde-se com o sujeito de *Fazer*.

Se construirmos o mesmo *N* com um verbo que não é verbo-suporte esta situação já não se verifica:

(5) Os vizinhos criticaram a busca do Luís na casa do Pedro

Vemos, portanto, que, com um verbo pleno como *criticar*, deixa de haver relação entre o sujeito da frase e o *N* estudado: o sentido já não é o de que os vizinhos são os autores da busca. Por isso o nome admite o complemento de *Nhum*, interpretado como seu sujeito.

A conclusão que podemos tirar do exposto é a de que nas frases com *Vsup* existe obrigatoriamente co-referência entre o sujeito do *N* predicativo e o sujeito do *Vsup*. Esta situação implica, pois, que um *N* predicativo não aceite um complemento de *Nhum* que possa ser interpretado como seu sujeito ("agente", "autor").

A frase (4) seria aceitável se se considerasse que "A polícia faz a mesma busca que o Luís" mas este problema foge ao âmbito do nosso trabalho.

Por outro lado, este facto está ligado à existência de restrições sobre a ocorrência dos determinantes dos *N* predicativos. Assim:

(5) A Maria faz (a + uma + * a minha) habilidade

mas:

(6) O Pedro aplaudiu (a + uma + a minha) habilidade

Concluimos que, nas construções com *N* predicativos e *Vsup* são excluídos os determinantes que impeçam a co-referência entre o sujeito de *N* e o sujeito de *Vsup*.

3.2.2 Formação do GN =: O N de N0 Prep N1

Conforme já mencionámos na introdução do nosso trabalho, pode formar-se um GN com a forma *O N de N0 Prep N1* a partir de uma frase com *Vsup Fazer*, por meio da aplicação da regra [Red Vsup] no quadro de uma relativa:

(1) O João faz uma homenagem à Maria

[Rel] A homenagem que o João faz à Maria [é merecida]

[Red Vsup] A homenagem do João à Maria [é merecida]

(2) Os professores fazem o balanço das actividades lectivas

[Rel] O balanço das actividades lectivas que os professores fazem [é positivo]

[Red Vsup] O seu balanço das actividades lectivas [é positivo]

Os exemplos que aqui acrescentamos confirmam o que já referimos: no decorrer da operação sintáctica [Red Vsup] que *Vsup* foi reduzido e o sujeito do *Vsup* foi colocado na posição de complemento do *N* predicativo:

O N que N0 Vsup = O N de N0

Os GN assim obtidos são sinónimos sem ambiguidade das formas de base com *Vsup* que os originam e os eventuais complementos *de N1* ou a *N1* encontram-se neles sem alteração.

Com *N* não predicativos como *mesa* o mesmo já não se verifica:

(3) O marceneiro faz uma mesa à Maria

[Rel] A mesa que o marceneiro faz à Maria [é grande]

[Red Vsup] * A mesa do marceneiro à Maria [é grande]

O marceneiro faz a mesa da Maria

*[Rel] A mesa que o marceneiro faz da Maria [é grande]

*[Red Vsup] A sua mesa da Maria [é grande]

No primeiro exemplo, é possível apenas o GN =: O N de NO =: a mesa da Maria, sem complemento preposicional. No entanto, este GN é ambíguo e pode ligar-se a outros tipos de verbos, como *Ter*, ou *Desenhar* : a mesa que a Maria (tem + desenha).

O mesmo não se verifica com um GN como *A homenagem do João à Maria*, pois este não revela ambiguidade e só pode receber um tipo de interpretação: a homenagem que o João faz à Maria.

3.2.3 A interrogativa em Que

Giry-Schneider (1987) propõe que a interrogativa em *Que* seja mais um dos critérios sintácticos que permitem distinguir um *N* predicativo de um *N* não predicativo com *Vsup Fazer*. A interrogação em *Que* aplicada a enunciados com *Vsup* dá muitas vezes origem a um enunciado pergunta-resposta inaceitável:

Os pedreiros fazem uma casa (E + à Maria)

- Que fazem os pedreiros (E + à Maria)?

- Uma casa

O Luís faz um elogio ao trabalho do colega

* - Que faz o Luís ao trabalho do colega?

- Um elogio

O professor faz comentários sobre o relatório do aluno

* - Que faz o professor sobre o relatório do aluno?

- Comentários

O governo fez um acordo com os sindicatos

* - Que fez o governo com os sindicatos?

- Um acordo

Existem casos em que a pergunta em *Que* é aceitável com o *Vsup =:*
Fazer:

O arquitecto faz o plano da cidade

- Que faz o arquitecto?
- O plano da cidade

Este facto resulta da ambiguidade da pergunta com *Fazer*: quando não há um complemento preposicional, a resposta a esta pergunta ("Que faz *N*?") pode ser dada com um verbo qualquer ou com o próprio verbo-
-suporte *Fazer*:

- Que faz o João?
- (Estuda esse assunto + Faz um estudo sobre esse assunto)

Poderemos concluir que o verbo *Fazer* da pergunta não é o *Vsup =:*
Fazer. Constatamos também que, quando se faz esta pergunta não se podem separar determinados complementos *Prep N1* do *N* do qual são argumentos, como em "*Fazer* alusão a qualquer coisa". Esta restrição não se verifica quando *Prep N1* é um locativo:

O João faz um giro na praça

- Que faz o João na praça?
- Um giro

A interpretação destes factos não é fácil. Se falarmos em termos de grupo nominal, poderemos dizer que há casos em que a cabeça destes GN se extrai e há outros casos em que não se extrai, o que contradiz, em parte, o argumento de que a cabeça de um GN não se extrai. O que se verifica é que a extracção desta cabeça depende do complemento preposicional que segue e do verbo principal.

3.2.4 A descida do advérbio

Giry-Schneider (1987) propõe ainda que os N predicativos com *Vsup* *Fazer* aceitam a construção com um adjectivo em relação de sinonímia com um advérbio. Isto diz respeito ao emprego sinonímico que um advérbio e um adjectivo podem ter, originando frases sinónimas:

O João faz uma declaração elegantemente

O João faz uma declaração elegante

Com o nome *cadeira* só é possível o advérbio:

O Pedro faz uma cadeira apressadamente

* O Pedro faz uma cadeira apressada

Podemos verificar esta relação de equivalência com adjectivos de sentido psicológico e também com advérbios com semantismo aspectual:

O Luís fez um ensaio ingénuo

O Luís fez um ensaio ingenuamente

Os cientistas fazem uma expedição demorada

Os cientistas fazem demoradamente uma expedição ⁽¹⁾

(1) A ligação destes adjectivos aspectuais com os N tidos como predicativos é mais aceitável do que com os nomes concretos:

O pasteleiro faz bolos frequentemente

? O pasteleiro faz bolos frequentes

Podemos, no entanto, ter:

* O pasteleiro faz bolos apetitosamente

O pasteleiro faz bolos apetitosos

em que o adjectivo não é aspectual mas em que não se regista o emprego sinonímico do adjectivo e do advérbio.

CAPÍTULO II - NOMES PREDICATIVOS QUE SELECCIONAM VSUP =: FAZER

1. PROPRIEDADES LEXICAIS E SINTÁCTICAS DE NPRED COM VSUP =: FAZER

1.1 N0=: Nhum, N-hum, Nnr

Os sujeitos das expressões *Fazer N* podem pertencer a três tipos: podem ser nomes de tipo humano, como nomes próprios, ou nomes como *polícia*, enquanto grupo de pessoas.

Podem ainda ser nomes de tipo não humano, como: *filme, afirmação*, ou nomes de tipo não restrito. A respeito destes, M Gross (1975) explicita: "La notation *Nnr* ne correspond pas à une classe de substantifs, elle spécifie une position syntaxique comme pouvant recevoir un substantif d'une nature sémantique quelconque, une complétive ou une infinitive." Assim, podemos ter: (*A Maria + Que F + V W + este facto*).

Por vezes, a natureza de *N0* pode implicar mudanças semânticas na expressão *Fazer N*. É o caso de:

A estrada faz uma curva

O João faz uma curva

A diferença reside na relação entre o sujeito e o verbo que, no primeiro caso é interpretada como não voluntária, ou não activa, e, no segundo, é interpretada como voluntária ou activa.

O emprego metafórico do verbo *Fazer* foi excluído do nosso estudo. Assim, um verbo como *acariciar* admite sujeitos de tipo humano e também sujeitos de tipo não humano:

O João acaricia a Maria

O vento acaricia a seara

No entanto com a expressão Fazer V-n apenas o sujeito Nhum é aceitável:

O João faz uma carícia à Maria

* O vento faz uma carícia à seara

Como referiremos no comentário das Tábuas, distinguimos os complementos a N1 de tipo humano dos de tipo não humano. Assim, na Tábua F3, notámos que a natureza lexical desses argumentos permitia estabelecer uma classe semanticamente homogénea, o que nos levou a inserir aí apenas os argumentos a N1 de tipo Nhum. Os nomes que seleccionam um complemento a N1 de tipo N-hum foram agrupados na Tábua F2.

1.2 Natureza lexical de N

Como já referimos, há alguns nomes predicativos que têm várias formas com o verbo *Fazer*, daí que constituam várias entradas lexicais correspondentes a diferentes sentidos:

- (1) O Paulo fez uma declaração à namorada
- (1') O ministro fez uma declaração aos jornalistas
- (1'') O contribuinte fez uma declaração dos seus rendimentos

ou têm sentidos próximos mas construções sintácticas diferentes.

Exemplificando teremos:

- (2) O João fez uma fuga ao fisco
- (2') O João fez uma fuga para Paris
- (2'') O ciclista fez uma fuga

O interesse deste tipo de estudo para a Lexicografia é evidente. De facto, vários são os nomes que estão nesta situação, dependendo o seu desdobramento numa mesma Tábua ou a sua inclusão em Tábuas distintas ora da natureza de *N0*, ora do determinante de *N*, ou ainda da construção de *N1*.

No primeiro caso temos, por exemplo :

- (3) O Pedro fez a análise do texto
- (3') O analista fez uma análise ao sangue ⁽¹⁾
- (3'') O psicanalista fez análise à Maria ⁽²⁾

(1) Neste caso, dependendo da área lexical de *N0* (o analista + o doente) esta expressão pode também ter dois sentidos diferentes, enquanto que a construção de *N1* ou a variação de *Det* não são pertinentes.

(2) Vemos que, nestes exemplos, também a construção de *N1* varia do ponto de vista sintáctico.

A oposição entre sujeito *Nhum* e *N-hum* também é importante, conforme vimos em 1.1.

Em relação ao determinante de *N* podemos referir os casos de atenção e de tradução :

(4) O Pedro faz atenção aos carros

(4') O comerciante fez uma atenção à Maria ⁽¹⁾

(5) O Pedro faz a tradução do seu livro

= O Pedro traduz o seu livro

(5') O Pedro faz traduções de livros

= O Pedro é tradutor

(6) O João fez as honras da casa

(6') O João fez honras a este prato ⁽²⁾

(6'') O João fez à Maria a honra de vir à festa

Há outros *N* que não sofrem mudanças de sentido de acordo com os determinantes que os antecedem:

O Pedro faz (E + uma) despesa

O João faz (E + uma) afronta à Teresa

O Pedro faz (E + uma) estadia em Lisboa

No que diz respeito às preposições, o facto de termos elaborado Tábuas diferentes correspondentes às expressões com complemento de

(1) No sentido de fazer um desconto.

(2) Em (6) e (6') parece-nos tratar-se de expressões com *Vsup* =: Fazer com elementos fixos.

Nl, a *Nl* e *Prep Nl* é sintomático das diferenças semânticas existentes entre as construções, por exemplo:

O João fez (a + uma) conferência do dinheiro

O João fez uma conferência sobre os primatas

A construção simétrica com *Nhum* também tem uma forma em a *Nl*:

Os soldados fazem a guerra com os inimigos

= os soldados fazem guerra aos inimigos

com a construção diferente:

NO FAZER Det N a Nl =:

O João faz guerra à poluição

Também *campanha* tem duas entradas diferentes no interior da Tábua das expressões *NO FAZER Det N Prep Nl*:

Os ecologistas fazem uma campanha pela defesa do ambiente

Os ecologistas fazem uma campanha contra a poluição

com a indicação de cada uma das preposições de que dependem as diferenças semânticas.

Noutros casos, os diferentes complementos preposicionais que seguem um nome não implicam cambiantes de sentido. Assim, a preposição

sobre ⁽¹⁾ forma paradigma com *contra, por, a favor de* ⁽²⁾, em frases como:

O João fez considerações sobre a lei dos despedimentos

O João fez um editorial sobre o aumento das propinas

Dado que o âmbito do presente trabalho não abarca a componente morfológica, não nos debruçámos sobre problemas desse foro: não procurámos especificar a relação sufixal entre V-n e construção verbal ou adjectival correspondente. Também não nos interrogámos sobre quais os nomes que derivam de um verbo por junção de um sufixo nominal ou quais os verbos que derivam de um nome por junção de sufixos verbais.

Registámos, no entanto, que por vezes existe apenas um parentesco morfológico (ou etimológico) entre V-n e V. São exemplo do que acabámos de referir os pares:

O João despachou os clientes

* O João fez o despacho dos clientes

O João despachou as mercadorias

= O João fez o despacho das mercadorias

em que não há relação sintáctica nem semântica entre *Despachar* e *Fazer* um despacho no primeiro exemplo.

(1) Com o sentido de *a respeito de*.

(2) O que sugere que estas preposições sejam operadores e não marcadores de argumento.

Noutros casos existe relação sintáctica e semântica entre *V* e *N* mas apenas para uma realização lexical particular dos complementos ou dos sujeitos:

O João depositou as malas na garagem

* O João fez o depósito das malas

O João depositou o dinheiro no banco

= O João fez o depósito do dinheiro no banco ⁽¹⁾

Há ainda expressões que não têm relação sintáctica com a construção verbal:

A Maria conta (uma história + o dinheiro)

≠ A Maria faz uma conta

O João surpreendeu a Maria

≠ O João fez uma surpresa à Maria

(1) Sem o complemento de *N1* a expressão:

O João fez um depósito

é imediatamente associada a "fazer um depósito de dinheiro ou de valores num banco".

1.3 Determinantes

Não é nosso intento fazer um estudo aprofundado sobre o determinante nas construções predicativas com *Vsup Fazer*. No entanto, existem certas peculiaridades de que temos que dar conta, dada a sua pertinência para a análise dos *N* que entram nestas construções.

O estudo das construções com verbo-suporte parece sugerir que a abordagem da problemática dos determinantes não se deve basear na análise exclusiva do grupo *Det N*, ao contrário do que geralmente se faz.

A justificação para o estudo do determinante a partir da análise do par *Det N* encontra-se em três razões de ordem morfo-sintáctica, que veremos a seguir.

Verificamos em primeiro lugar que existe acordo morfológico entre o nome e o seu determinante, quer em género, quer em número. Além disso, o emprego de certos determinantes está dependente do tipo de nome que temos; conforme se trate de um nome próprio, comum, contável, etc, assim poderemos ou não ter determinantes definidos, indefinidos, numerais, etc.

Finalmente, as restrições de ocorrência parecem estabelecer-se apenas entre os dois termos *Det N* ⁽¹⁾.

A contrapor a estas razões justificativas desta perspectiva, surgem outros factos, como, por exemplo, a constatação de Boons, Guillet, Leclère, (1976) de que alguns verbos exigem que os seus argumentos se encontrem no plural ou que contenham uma ideia de pluralidade. Estão neste caso verbos como *abundar*:

(1) Os indicadores sintagmáticos (árvores) parecem evidenciar uma suposta autonomia dos sintagmas nominais em relação a *V*.

Os		
Esses peixes		abundam neste rio
* Uns peixes		

O peixe		
Esse peixe		abunda neste rio
* Um peixe		

Com um verbo como *desaparecer* o mesmo já não se verifica:

Os		
Esses		peixes desapareceram
Uns		

O		
Esse		peixe desapareceu
Um		

Estes exemplos apontam para a importância do verbo na selecção e no valor dos determinantes que integram os seus argumentos nominais.

M. Gross (1977) realça, por seu turno, as restrições de ocorrência que existem entre *Det* e *Modif* e não entre *Det* e *N* em determinados grupos nominais *Det N Modif* do tipo:

* Ele conduz à velocidade

* Ele conduz a uma velocidade

* Ele conduz à velocidade exagerada

Ele conduz a uma velocidade exagerada

Ele conduz à velocidade regulamentar

?? Ele conduz a uma velocidade regulamentar

Quando falámos da relação de *N* a *NO* concluímos que alguns determinantes não eram possíveis pois impediam a relação de co-referência obrigatória que deve existir entre *N* predicativo e *NO*, sujeito de *Vsup*. Também este facto parece constituir um argumento a favor de que a presença de alguns determinantes numa dada construção não depende apenas do *GN* :

* A Maria faz o meu desafio ao Pedro

A Maria faz a minha camisola

Na realidade, também o estudo das construções com o verbo-suporte *Fazer* sugere que o determinante do nome predicativo é função da totalidade da construção. A presença de certos determinantes condiciona o comportamento sintáctico de uma dada construção. Foi isso que *Giry-Schneider* (1987) evidenciou ao salientar que o problema fundamental no que diz respeito aos determinantes de *N* residia no facto de este aceitar ou não um determinante indefinido.

De facto, a aceitação de um determinante indefinido pelo *N* está directamente relacionada com a possibilidade de aplicação à construção em que ele figura de operações transformacionais, tais como a relativização ⁽¹⁾, subjacente à formação do grupo nominal complexo *O N* de *NO*, por redução de *Vsup*. Assim, comparemos as frases:

(1) O João fez um vexame à Maria

[Desagrada-me] o vexame que o João fez à Maria

O vexame do João à Maria [é revoltante]

(2) O gatuno fez (frente + * uma frente) ao polícia

* [Espantou-me] a frente que o gatuno fez ao polícia

* A frente do gatuno ao polícia [é surpreendente]

(1) E também a aplicação da passiva ou a pronominalização.

Existe, como vemos, uma correlação entre a ocorrência do determinante indefinido e a possibilidade de relativização ⁽¹⁾ mas há alguns casos em que a regra da redução da relativa não se aplica, não havendo GN correspondente à construção com Vsup. Por exemplo:

O João faz (caso + um grande caso) da Maria

O grande caso que o João faz da Maria [é espantoso]

* O seu grande caso da Maria [é espantoso] ⁽²⁾

Decorrente da possibilidade de ocorrência de um determinante indefinido, acompanhado ou não por um modificador obrigatório, está a divisão que operamos entre *N* livres e *N* não livres, representados respectivamente por *N* e por *C* ⁽³⁾ nas Tábuas. Esta divisão é legitimada pelas propriedades que os *N* livres evidenciam e de que já referimos a aceitação da relativização e conseqüente formação de um GN independente, que pode funcionar como sujeito ou complemento de vários verbos. Os *N* livres também aceitam determinantes definidos (*o*, *este*, *Poss0*) que não suscitam referências particulares.

Harris (1976) e M. Gross (1977) consideram que o determinante indefinido é um determinante básico, uma espécie de grau zero dos determinantes, enquanto que os outros são derivados. Isto corrobora a compatibilidade deste determinante com a estrutura de frases simples das expressões com verbo-suporte.

(1) Esta correlação confirma a teoria avançada por Kuroda em 1968, segundo a qual o antecedente do pronome relativo da oração relativa restritiva é originário de um substantivo com determinante indefinido que toma a forma do artigo definido na altura da relativização:

A música que eu compus é romântica =
Compus uma música
Esta música é romântica

(2) Voltaremos a este exemplo mais adiante (ponto 1.3.1).

(3) *C* engloba o determinante fixo e o nome.

Também são considerados *N* livres os *N* em que é obrigatório o modificador (ponto 1.3.1) com o determinante indefinido pois as propriedades atrás mencionadas subsistem:

(3) A Maria faz (tricot + * um tricot + um tricot perfeito)
O tricot que a Maria faz [cansa a vista]
O seu tricot [cansa a vista]

(4) O João faz (jejum + * um jejum + um jejum contínuo)
O jejum que o João faz [é angustiante]
O seu jejum [é angustiante]

Neste caso, é a relativa que tem a função de modificador.

Ranchhod (1981) verifica, no entanto, que determinados *N* construídos com o *Vsup* *Estar* permitem a formação de grupo nominal complexo, apesar de não aceitarem o artigo indefinido, o que a leva a referir outros factores que condicionam a ocorrência de um certo determinante como a presença de determinada preposição, de modificadores, de complementos obrigatórios.

Os determinantes que ocorrem nas construções predicativas com *Vsup* *Fazer* que encontramos e que figuram nas Tábuas são:

- o artigo definido *o, a, os, as* (Det =: *o*)
- o indefinido *um, uma, uns, umas* com ou sem modificador obrigatório (Det =: *um (Modif)*)
- zero (Det =: *E*)
- o possessivo obrigatoriamente co-referente do sujeito de *Fazer* (Det =: *Poss0*).

1.3.1 Modificadores

A designação "modificador" engloba adjetivos, complementos de nome e orações relativas que se podem juntar a *N*.

Há casos em que os modificadores são obrigatórios para que a frase seja considerada aceitável. Estes desempenham, pois, uma função sintáctica na frase. Trata-se de adjetivos, complementos *Prep N* e orações relativas obrigatórios quando *Det =: um*:

O João faz (E + *uma + uma forte) pressão sobre o eleitorado
A Maria fez (E + *um + um grande) mistério sobre o seu casamento⁽¹⁾

Este filme fez um êxito sem precedentes
A Maria fez uma propaganda aos seus produtos de beleza que deixou
a Teresa encantada

Já o dissemos, a necessidade da presença de um *Modif* é uma propriedade que permite verificar se o *N* predicativo admite ou não o determinante indefinido, isto é, se é livre, para que, assim, a frase em que ele está inserido goze das propriedades sintácticas atrás referidas.

Um outro tipo de modificador que encontramos nas expressões *Fazer N* são os modificadores lexicais, que não têm qualquer função sintáctica na frase, constituindo um elemento "fixo" da expressão. Podem ser adjetivos, como em "fazer olhos meigos" ou elementos *Prep N*, como em "fazer cruzeiros na boca".

(1) Há que ter em conta que, na oralidade, a entoação exclamativa poderá tornar frases deste tipo aceitáveis sem modificador:

A Maria fez um mistério sobre o seu casamento!

Estes modificadores presentes na expressão *Fazer N* formam com os nomes uma combinação lexical e semântica particular, o que leva a considerar os *N* como nomes compostos:

A Maria fez uma greve da fome

O João e a Maria fizeram uma viagem de núpcias

Relembramos neste ponto o exemplo referido no ponto anterior (1.3):

O João faz (caso + um grande caso) da Maria

A análise que temos vindo a fazer sugere que se trata de um caso intermédio em que *N* é livre, na medida em que a relativização é possível, como verificámos. No entanto, também parece ser uma expressão com um elemento fixo: a formação de *GN* não é possível, o que parece apontar para o carácter de nome composto de "fazer caso de".

Coloca-se o problema da distinção entre os modificadores lexicais e os adjectivos simples nas expressões *Fazer N*. Dois critérios parecem ser suficientes para os distinguir. Por um lado, a obrigatoriedade, por vezes, da presença de um modificador adjectival:

Fazer a vista grossa a N1

* Fazer a vista a N1

Por outro lado, uma razão de ordem sintáctica: estes adjectivos não podem surgir numa construção atributiva com *Ser* nem com *Parecer*. Por

exemplo, para "Fazer um golpe baixo", "Fazer a lista negra dos suspeitos", "Fazer má cara à Teresa":

- * Este golpe é baixo
- * Esta lista é negra
- * Esta cara parece má

Em relação aos modificadores *Prep N* também se levanta um problema de ordem sintáctica : como distingui-los dos elementos *Prep N* argumentos de *N* ? Temos dois critérios operacionais:

- Quando *Det =:* E não há possibilidade de aplicar o teste da extracção, o que mostra que não são grupos nominais distintos de *N*:

O João fez um golpe de estado contra o Presidente

- * Foi de estado que o João fez um golpe contra o Presidente

- Quando têm um determinante diferente de zero, através do teste da extracção verificamos que formam um grupo nominal autónomo:

O João fez o golpe do baú à Maria

Foi o golpe do baú que o João fez à Maria

- * Foi do baú que o João fez o golpe à Maria

Ficamos por aqui na nossa análise. Nas Tábuas que apresentamos não fazemos distinção entre nomes "simples" e nomes compostos, nelas apenas surgem as combinações que nos apareceram nos dicionários, não incluímos outras que não nos tivessem surgido.

1.4 Os complementos preposicionais

Como já referimos na Introdução, partimos da ideia de que os nomes de que nos ocupamos aqui são reduções de frases e, como tal, descrevemos a sua forma frásica, à semelhança do que acontece com a análise das construções verbais e adjectivais.

Assim, o critério de classificação que adoptamos para estes nomes assenta na sua construção, isto quer dizer que os classificamos de acordo com a forma dos seus complementos, ou segundos argumentos, os grupos *Prep N1*.

Distinguimos nas expressões com *Vsup Fazer* dois grupos. Um grupo sem preposição (Tábuas *F1* e *F5*) e as restantes com preposição. Veremos na análise a cada uma das Tábuas de expressões com preposição (*F2*, *F3*, *F4*, *F6* e *F7*), (Cap. III), quais as preposições recenseadas e a justificação para a inclusão de cada construção sintáctica na Tábua respectiva, assim como os problemas que cada uma delas coloca e as observações que cada uma suscita.

De seguida vamos analisar uma questão que se coloca com muita acuidade na análise das construções com preposição.

1.4.1 Dupla análise de (*Prep N1*) e de (*Det N Prep N1*)

O que se verifica é que as frases com verbo-suporte se revelam "sui generis" em relação à extracção dos seus grupos nominais. De facto, a estrutura de superfície:

N0 Vsup Det N Prep N1

oferece a possibilidade de se extrair quer o elemento (*Prep N1*) isoladamente, quer o grupo nominal complexo (*Det N Prep N1*). Daí a

justificação para as duplas estruturas aparentes que propomos para as frases em (1), (2) e (3):

1. NO FAZER (Det N) (Prep N1) = NO FAZER (Det N Prep N1) =:

O João faz um acordo com a Maria

2. NO FAZER (Det N) (a N1) = NO FAZER (Det N a N1) =:

O Pedro faz uma censura à Maria

3. NO FAZER (Det N) (de N1) = NO FAZER (Det N de N1) =:

A Maria faz uma doação dos seus bens

O teste da extracção com *É...que* e a relativização permitem dar conta deste facto: os complementos *Prep N1* são passíveis de duas análises pois apresentam propriedades de complementos de verbo ⁽¹⁾ e apresentam propriedades de complementos de nome. Vejam-se os exemplos onde são aplicados à frase (1) os testes acima referidos:

É com a Maria que o João faz um acordo

É um acordo que o João faz com a Maria

O acordo que o João faz com a Maria [é vantajoso]

O acordo com a Maria que o João faz [é vantajoso]

(1) Na realidade, afirmar que *Prep N1* desempenha aqui o papel de complemento de verbo não é correcto uma vez que, apesar de estar integrado num grupo nominal que se pode extrair, ele não é obrigatoriamente complemento do verbo principal. Neste caso, este complemento depende do *N* predicativo.

Este é o fenómeno designado por "dupla análise" ou extracção de (Prep N1) e de (Det N Prep N1) e que é de extrema importância para o nosso estudo, pois tentar justificar a razão destas duas estruturas permitirá verificar se temos duas frases ou apenas uma frase simples.

O seu tratamento tem sido feito sob várias perspectivas linguísticas, nomeadamente a generativa, de um ponto de vista meramente sintáctico, a propósito da extracção dos grupos nominais.

Os estudos empreendidos pelos investigadores do LADL ⁽¹⁾, embora não solucionem a questão, lançam sobre ela uma visão diferente, ressaltando o facto de que este fenómeno depende do verbo principal, mais precisamente de uma combinação particular verbo-nome, que não está relacionada com regras de selecção.

De facto, as construções com os verbos plenos não apresentam esta particularidade, nelas apenas podemos extrair o grupo nominal complexo, havendo, portanto, apenas uma estrutura:

NO V (Det N Prep N1) =:

O João conta uma aventura com os índios

* É com os índios que o João conta uma aventura

É uma aventura com os índios que o João conta

No contexto analítico seguido no nosso trabalho, a explicação para esta ocorrência baseia-se no facto de que esta estrutura é a de uma construção verbal que tem por complemento um grupo nominalizado proveniente da redução de uma relativa. Assim, se *Prep N1* faz parte de uma relativa, não pode depender do verbo principal.

Uma frase como:

O João observa a guerra dos brancos com os negros

Escola Superior de Educação
de Castelo Branco
BIBLIOTECA

(1) Estão neste caso M. Gross (1976), A. Daladier (1978), J. Giry (1978), La Fauci (1980) e, mais recentemente, J. Giry-Schneider (1987).

é equivalente a:

O João observa a guerra que os brancos fazem com os negros

Na primeira frase, o sujeito de *fazer uma guerra*, os brancos, surge sob a forma de *N*. Esta é a forma que o sujeito tem normalmente nas nominalizações. No entanto, a sua presença ou a sua ausência não modifica a análise da frase que será a mesma quer em (1) quer em (2):

(1) O João observa uma guerra com os negros

(2) O João conta uma aventura com os índios

De facto, não é a estrutura destas frases complexas que suscita problemas mas sim a reconstrução da forma frásica do *GN* =: *Det N de NO Prep NI*. Por exemplo, a *guerra dos brancos com os negros* provém da frase com *Vsup Fazer* : *fazer uma guerra com os negros*.

Mas, para descrever a frase:

O João observa a guerra entre os brancos e os negros

precisamos de recorrer a outros *Vsup* - *Há* ou *Ter lugar* :

O João observa a guerra que há entre os brancos e os negros

Como já referimos, trata-se de frases complexas, cujas duplas estruturas são decomponíveis pelo recurso aos verbos-suporte.

São, portanto, as frases que têm duas estruturas que nos colocam problemas. Esses problemas são de duas ordens: lexical e sintáctica.

Vamos analisar cada um deles "de per si".

1. Ponto de vista lexical:

J. Giry-Schneider (1987) observa que, para o francês, as combinações verbo-nome para as quais se verifica a dupla análise são frases com *Vsup*, como as que já vimos, frases com extensões de *Vsup*⁽¹⁾, como *alimentar*, numa frase como:

O João alimenta a esperança de ser ministro
= O João tem esperança de ser ministro

frases com verbos tais como *preparar*, *financiar*, *patrocinar*, etc., ilustradas nos exemplos:

O João financia um atentado contra o Presidente
O João patrocina uma publicação sobre os imigrantes

algumas frases cujo verbo principal tem uma completiva no conjuntivo:

O Pedro (autoriza + receia) que a Maria vote contra o Presidente
O Pedro (autoriza + receia) um voto contra o Presidente

Regista-se, nas frases com *Vsup* ou com extensões de *Vsup*, a obrigatoriedade de co-referência entre o sujeito do predicado nominal e o sujeito do verbo principal, o que não se passa nas outras frases, em que há um verbo principal construído com uma completiva, ou um verbo

(1) As extensões de *Vsup*, extensões aspectuais e extensões lexicais, são verbos com os quais os *N* predicativos se combinam constituindo expressões que são ainda frases com verbo-suporte.

como *financiar*. Assim, na frase:

O João financia um atentado contra o Presidente ⁽¹⁾

O João não é o autor do atentado, ideia que pode ser corroborada com a frase:

O João financia o atentado do Pedro contra o Presidente

De facto, apesar de não ser o autor, contribui para isso, como cúmplice, ou como instigador, o que, segundo Giry-Schneider (1987), é uma outra forma de ser o autor. Assim, verbos como *financiar*, *apadrinhar*, *patrocinar*, etc., poderiam ser considerados como extensões de verbo-suporte. Para legitimar esta afirmação apenas dispomos do facto de estes verbos terem a propriedade da dupla análise, tal como as frases com *Vsup*. A mesma autora argumenta ainda com o facto de não existir uma divisão estanque entre os verbos-suporte e os verbos não suporte, havendo entre os dois grupos uma zona intermédia, onde se situariam verbos como os acima referidos.

Um problema bastante complexo é o da análise dos grupos nominais dos verbos com orações completivas. Neste tipo de frases regista-se uma divergência de comportamento no que diz respeito à possibilidade de dupla análise nas frases com verbos com uma completiva no conjuntivo e a sua impossibilidade nas completivas com verbo no indicativo.

No primeiro caso temos:

O João receia que haja um ataque contra os imigrantes

O João receia um ataque contra os imigrantes

(1) A aplicação do teste da extracção confirma a dupla análise nestas frases. Por exemplo:

É contra o Presidente que o João financia um atentado
É um atentado contra o Presidente que o João financia

É contra os imigrantes que o João receia um ataque
É um ataque contra os imigrantes que o João receia

Para explicar este facto poderemos levantar a hipótese de que o verbo principal é um operador (no sentido de Harris 1976) sobre uma das frases que o seguem e que são frases com verbo-suporte com dupla análise.

Alguém comete um ataque contra os imigrantes
Há um ataque contra os imigrantes

A frase originada seria :

O João receia que alguém cometa um ataque contra os imigrantes

ou:

O João receia que haja um ataque contra os imigrantes

A explicação deste caso residiria no facto de que o operador se aplicaria à frase simples de base sem que as propriedades desta se alterassem. No grupo destas propriedades estaria a dupla análise.

Já no que diz respeito à não existência da possibilidade de dupla análise nas frases com completiva no indicativo, como:

O Pedro comentou a vingança contra os imigrantes

* Foi contra os imigrantes que o Pedro comentou a vingança

Foi o ataque contra os imigrantes que o Pedro comentou ontem

teremos que ter em consideração, em primeiro lugar, que N não pode ter um determinante indefinido.

*O Pedro comentou um ataque contra os imigrantes

Isto prova que a frase:

O Pedro comentou esse ataque contra os imigrantes

não tem como origem:

O Pedro comentou que houve um ataque contra os imigrantes

Possivelmente a frase de base será:

O Pedro comentou o ataque que houve contra os imigrantes

que é uma forma mais complexa com o determinante definido obrigatório. Com um verbo como *recrear* é o determinante indefinido que é obrigatório.

Esta questão da análise dos complementos nominais dos verbos com completivas revela-se complexa e interessante mas ultrapassa o âmbito do nosso trabalho. De facto, há vários aspectos a considerar, nomeadamente a relação entre os determinantes e o tipo de complemento existente na frase ou a possibilidade de dupla análise consoante o tempo dos verbos e o seu campo lexical.

2. Ponto de vista sintáctico

Veremos a seguir qual a descrição sintáctica que poderemos dar das duas estruturas.

Analisemos em primeiro lugar o que diz respeito à forma *NO Vsup (Det N) (Prep N1)*. Do ponto de vista sintáctico, a própria hipótese dos predicados nominais pode dar conta do facto de que podemos extrair *Prep N1* com um *Vsup* e não com um verbo pleno:

O João empreendeu uma expedição ao Pólo Norte

Foi ao Pólo Norte que o João empreendeu uma expedição ⁽¹⁾

O João ordenou uma expedição ao Pólo Norte

* Foi ao Pólo Norte que o João ordenou uma expedição

A diferença principal que se regista entre as frases onde podemos extrair *Prep N1* e as frases onde não o podemos fazer poderia ser explicada da seguinte forma: se podemos extrair os argumentos de um predicado, quer ele seja verbal ou adjectival, assim, podemos extrair também os argumentos de um predicado nominal.

As frases que apresentamos a seguir são de dois tipos: frases simples, em que a combinação verbo-nome forma um predicado nominal, e frases complexas, em que não se regista esta característica:

O João cometeu uma agressão contra a Maria

O João contou uma agressão contra a Maria

(1) O verbo *empreender* é uma extensão do verbo-suporte *Fazer*.

A Maria arranhou provas contra o Pedro
Foi contra o Pedro que a Maria arranhou provas

O Luís queima as provas contra a Maria
* É contra a Maria que o Luís queima as provas

A descrição sintáctica da estrutura que permite extrair o grupo nominal complexo (Det N Prep N1) é mais complicada:

NO Vsup (Det N Prep N1)

Em primeiro lugar, e ao contrário do que se passa com os verbos plenos, a hipótese de se tratar de um grupo nominal proveniente da redução de uma relativa tem de ser afastada visto tratar-se de uma frase simples.

Giry-Schneider (1987) refere o estudo que La Fauci (1980) faz sobre as frases com verbos-suporte seguidas de uma completiva, no qual propõe a hipótese de que essas frases têm uma estrutura triádica, havendo uma relação entre *N* e a completiva. Aquele autor defende que: "on pourrait réduire ces dépendances à un certain nombre d'opérateurs simples qui seraient progressivement restructurés par des moyens syntaxiques, selon les procédures proposées par Harris 1976". Neste contexto, La Fauci decompõe a frase *fazer o anúncio que F* da seguinte forma:

O Paulo faz o anúncio que F
= O Paulo faz um anúncio - o anúncio é que F

e tem por estrutura:

(fazer) ([o anúncio] [que F])⁽¹⁾

Como vemos, nesta análise estabelece-se uma relação em *Ser* entre *N* e a completiva. Depois da operação de redução do verbo *Ser*, a completiva tem a função de um epíteto de *N*.

Giry-Schneider analisa a possibilidade de aplicar esta descrição às frases onde o argumento de *N* é um nome e estabelece duas condições para a viabilidade dessa análise.

Em primeiro lugar, é necessário que o complemento *Prep N1* não seja obrigatório, isto é, que exista uma subestrutura *NO faz Det N*. Em segundo lugar, é preciso que exista uma forma com *Vsup* que associe *N* e *Prep N1*.

Tal como pudemos constatar após o estudo por nós empreendido, e à semelhança do que Giry-Schneider regista para o francês, também em português se verifica geralmente a existência de uma forma *NO faz Det N*, apesar de surgirem algumas exceções com *Fazer*:

O Paulo faz uma entrada (*E + intempestiva)

O Paulo faz uma intrusão (*E + ? intempestiva)

Apesar de excepcionais, estas frases tornam-se aceitáveis com modificadores. Por outro lado, em alguns destes casos é difícil extrair o grupo nominal complexo, dependendo do comprimento dos grupos de palavras:

?* É (uma entrada intempestiva na sala) que o Paulo faz

? É (uma intrusão injustificada nos meus assuntos) que o empregado das Finanças faz

(1) Os parênteses são do próprio La Fauci.

A segunda condição necessária para analisar (*Prep N1*) como epíteto de *N*, ou seja, a existência de uma forma em *Ser* =: *N é Prep N1*, não se verifica sempre, por isso, não nos podemos limitar a este *Vsup* (*Ser*).

São as formas em *Ser* e *Há* (ou *Ter lugar*) que são as mais naturais com os complementos preposicionais *sobre, contra, a respeito de, com, etc.*

O Luís planeia uma vingança contra os seus inimigos
Essa vingança é contra os seus inimigos

O João tem um encontro com a Teresa
* Um encontro é com a Teresa
* Um encontro tem lugar com a Teresa

O Luís tem ilusões a respeito do regresso da Maria
* Essas ilusões são a respeito do regresso da Maria
Há ilusões a respeito do regresso da Maria

Como Giry-Schneider constata, a análise de *La Fauci* pode, portanto, ser adequada para as construções com completiva. Além do mais, uma completiva serve para explicitar *N*, como um aposto, especificando o que se disse ou se pensou. No entanto, esta análise não é aplicável nas frases onde *N* tem por argumento um substantivo.

A hipótese de ambiguidade sintáctica das frases com dupla análise é suscitada por estes dados. Assim, haveria duas frases distintas: uma onde (*Prep N1*) seria complemento de verbo, a outra onde ele seria epíteto de *N*. Mas esta ambiguidade só é concebível no quadro de uma

teoria onde de um certo modo se utilizassem árvores, instrumento inadequado para a representação do duplo estatuto do complemento preposicional.

Num contexto teórico decorrente dos pressupostos harrissianos, um complemento de nome pode tornar-se complemento de verbo sem que haja ambiguidade sintáctica: é uma propriedade de certas frases ⁽¹⁾. No tipo de frases a que o nosso trabalho diz respeito, o complemento preposicional teria um duplo estatuto, argumento de *N* (e não complemento de verbo) e epíteto de *N*.

Poderíamos levantar a hipótese, baseada na intuição de alguns locutores, da correspondência desta suposta ambiguidade sintáctica com uma ambiguidade semântica. Na realidade, esta intuição de uma ambiguidade semântica só depende do determinante de *N*. Se este determinante for indefinido a frase não é ambígua:

O João teve uma zanga com o Pedro

Se o determinante for definido:

O João teve essa zanga com o Pedro

podemos ter duas interpretações:

O João teve (a zanga de que eu falo) com o Pedro

(1) M. Gross (1975) e Guillet, Leclère (1981) estudaram este assunto aprofundadamente a propósito da reestruturação.

ou então:

O João teve (a zanga com o Pedro de que eu falo) no outro dia

A relativa *de que eu falo* explicita o sentido do demonstrativo *essa*. Este é, no quadro harrissiano, um operador. Assim, a relativa funciona, à semelhança do demonstrativo, como um operador, aplicando-se à frase sem modificar as propriedades de dupla análise desta e sublinhando apenas o facto de que (*Prep N1*) não é obrigatório. Podemos ter: *O João teve essa zanga* ou *O João teve essa zanga com o Pedro*. Se nos casos em que uma construção verbal tem uma subestrutura não levantamos a hipótese de que ela é ambígua, também não nos parece que o devamos fazer a propósito de um predicado nominal.

Se a análise que assenta na interpretação de (*Prep N1*) como epíteto da estrutura *NO Vsup (Det N Prep N1)* não satisfaz, poderíamos argumentar que *N* é um nome e, sendo assim, tem as propriedades de um nome, entre elas, a possibilidade de receber modificadores. Mas os argumentos que se seguem mostram a fraqueza desta hipótese analítica: por um lado, a noção de modificador é vaga, e, por outro, levanta-se a questão de esclarecer a dupla função do grupo (*Prep N1*) na mesma posição sintáctica: a de argumento e a de modificador, simultaneamente.

A hipótese mais plausível parece-nos ser a de que um predicado nominal pode ser extraído conjuntamente com o seu segundo argumento, sendo o primeiro o sujeito. Esta operação é possível com um predicado adjectival:

O João foi sempre frequentador de bares

É de bares que ele foi sempre frequentador

? É frequentador de bares que ele foi sempre

Talvez seja possível com um predicado verbal:

Partir em férias é relaxante

? É partir em férias que é relaxante

O facto de podermos extrair o argumento isoladamente ou acompanhado do adjectivo de que ele depende não é razão para se afirmar que a frase *O João é frequentador de bares* é ambígua.

A explicação para a dupla análise não assenta na existência de duas frases, é uma propriedade dos *N* predicativos combinados com determinados verbos, nomeadamente com os *Vsup*. A comprová-lo temos a construção adversativa que se aplica da mesma maneira às duas formas:

O João teve uma zanga com o Pedro

Foi com o Pedro que o João teve uma zanga, e não com o Luís

Foi uma zanga com o Pedro que o João teve, e não com o Luís

No caso de haver duas estruturas distintas, teria de existir no segundo membro da última frase que vimos um termo que se oporia a zanga e não a com o Pedro. Este tipo de construção é além disso possível também:

Foi uma zanga com o Pedro que o João teve, e não uma discussão com o Luís

Para as construções adjectivais teremos o mesmo funcionamento:

É de bares que o João é apreciador e não de discotecas

? É frequentador de bares que ele é, não de discotecas

Um outro argumento que confirma que a dupla análise não corresponde a duas frases distintas reside na diferença de aceitabilidade entre a forma que permite extrair separadamente (*Prep N1*) e a forma que contém o grupo nominal complexo (*Det N Prep N1*). Quando extraímos (*Prep N1*) isoladamente a frase que se obtém é perfeitamente aceitável:

O Luís teve uma entrevista com a Teresa
Foi com a Teresa que o Luís teve uma entrevista

O João fez uma desfeita à Maria
Foi à Maria que o João fez uma desfeita

Se a extracção do argumento de um predicado por *É...que* é uma operação natural, o mesmo não se poderá dizer da extracção do grupo nominal (*Det N Prep N1*) numa frase com *Vsup*. De facto, ao lado de:

O Paulo cometeu uma agressão contra a Maria
Foi uma agressão contra a Maria que o Paulo cometeu

que é natural, encontramos:

?* Foi uma entrevista com a Teresa que o João teve
O Pedro tem um papel na minha vida
* É um papel na minha vida que tem o Pedro

A frase:

? É um papel importante na minha vida que tem o Pedro

pela presença do modificador torna-se mais aceitável.

Com as formas com complemento a *N1*, o *GN =: (Det N Prep N1)* é pouco natural com *É ... que*:

O Luís dá um empurrão ao João

* É um empurrão ao João que o Luís dá

A aceitabilidade da extracção do *GN =: Det N Prep N1* depende da forma do complemento preposicional e da combinação específica *Vsup Det N*. Aparentemente, os verbos com os quais é difícil extrair o *GN* complexo são também os que aceitam mal *qualquer coisa* entre os seus complementos, como *Ter* :

O Luís teve qualquer coisa com o João (uma entrevista)

* O Pedro teve qualquer coisa na minha vida (um papel)

Estes verbos revelam restrições lexicais sobre a escolha dos seus complementos directos.

Estes diferentes graus de "fixidez" ou "estratificação" ⁽¹⁾ no emprego do *GN =: Det N Prep N1* mostram que a única estrutura regular e aceitável sem reservas das frases com *Vsup* ditas com dupla análise é a estrutura:

N0 Vsup Det N (Prep N1)

que põe em evidência o estatuto de argumento de (*Prep N1*); a outra é um "epifenómeno" (Giry-Schneider 1987:58) que depende do grau de "fixidez" sintáctica e lexical da combinação *Vsup Det N*.

(1) Traduzimos assim o termo "figement".

Esta questão precisaria de um estudo mais aprofundado que passaria pela comparação entre os GN complexos com os atributos do objecto nas frases em que a ambiguidade é evidente como: *O João quer a sua bicicleta azul.*

Da análise que fizemos desta questão das extracções de nomes em grupos nominais complexos ressalta a ideia de que a sua descrição só pode ser verdadeiramente feita se tivermos em conta a escolha lexical do verbo principal e a estrutura lexical do GN em estudo. Assim, como refere Giry-Schneider, Cattell (1979) sublinha que a extracção de um complemento preposicional fora de um GN complexo depende do próprio GN, como o indicam os exemplos:

I like the gears in that car
Which car do you like the gears in?

I like the girl in the car
* Which car do you like the girl in?

De acordo com Cattell, é da relação lexical e semântica que existe entre os dois nomes (*gears* e *car*) que depende a extracção dos complementos; há entre eles uma relação de "parte a conjunto" que não existe entre *girl* e *car*. Também em português os dois grupos nominais *Os equipamentos deste carro* e *As raparigas deste carro* não teriam a mesma origem. Podemos confirmá-lo com: *Este carro tem equipamentos* e **Este carro tem raparigas.*

A extracção de *Prep N1* pode depender também do determinante de *N*: ela é possível se *N* estiver precedido do artigo definido mas não se estiver precedido pelo artigo indefinido, o que confirma que a presença de um determinante definido é susceptível de alterar uma

frase quer a nível estrutural quer a nível das suas propriedades:

I like the pictures in that book
Which book do you like the pictures in?
I like a picture in that book
some pictures

* Which book do you like a picture in?
some picture in?

Os exemplos confirmam estes dados em português também:

Gosto das imagens desse livro
= Gosto das imagens que tem esse livro
(Esse livro tem imagens)

Gosto de uma certa imagem nesse livro
= Gosto de uma certa imagem que há nesse livro
(Há uma certa imagem nesse livro)

Os determinantes destes grupos nominais estão muitas vezes dependentes dos *Vsup* subjacentes, o que pode ser evidenciado pelo facto de que, enquanto que com *Ter* os determinantes definidos e indefinidos são possíveis, com *Há* só encontramos os determinantes indefinidos:

Gosto de uma certa imagem desse livro
Esse livro tem uma certa imagem

* Gosto das imagens nesse livro
* Há imagens nesse livro

É a estrutura da forma com *Vsup* que lhe está subjacente e não o

É a estrutura da forma com *Vsup* que lhe está subjacente e não o semantismo dos grupos nominais que provoca as diferenças que Cattell mostra a respeito da extracção dos grupos nominais. Em português, tal como em inglês, registam-se as mesmas diferenças na aceitabilidade das frases interrogativas:

De que livro é que tu gostas das imagens?

? De que livro é que tu gostas de uma certa imagem?

Em que livro é que tu gostas de uma certa imagem?

1.5 Os complementos no infinitivo

Algumas das expressões *Fazer N* admitem um complemento no infinitivo, não obrigatório, e que lhes é particular, dado que a nossa análise sugere serem poucas as construções verbais equivalentes aos *V-n* que aceitam este complemento que têm também esta propriedade. Registamos casos como os dos verbos *Tentar*, *Esforçar-se*, *Sacrificar-se* que admitem um infinitivo mas sem a preposição *de*, que surge na expressão com *Vsup* ⁽¹⁾. Os dois últimos aceitam a preposição *por*:

O João tenta escapar

O João faz a tentativa de escapar

O Luís (sacrifica-se + esforça-se) por acabar o curso

O Luís faz o (sacrifício + esforço) de acabar o curso

Encontramos estas expressões nas Tábuas *F1* e *F3*, com as formas:

NO FAZER o N de V0inf W =:

A Maria fez a loucura de fugir de casa

NO FAZER o N de V0inf W a N1

O João faz o desaforo de mentir ao Luís

(1) Um verbo como *planejar*, semanticamente próximo, difere deste a nível sintáctico :

O Luís planeia casar

* O Luís faz o plano de casar

No entanto, se juntarmos um outro complemento à infinitiva, a frase torna-se aceitável:

O Luís faz o plano de casar logo que possa

Registamos a mesma série de propriedades em ambos os casos: o sujeito é sempre de tipo humano e o determinante é obrigatoriamente o definido =: o.

Como já referimos, o complemento no infinitivo não é obrigatório e a prová-lo estão as estruturas das Tábuas que já indicámos:

NO FAZER Det N =:

A Maria faz uma loucura

NO FAZER Det N a N1 =:

O João faz um desaforo ao Luís

Nestas expressões, *Det =: o* não é admissível, apenas encontramos o determinante indefinido =: *um*, com ou sem *Modif.*

Outra das propriedades deste complemento é a da co-referência obrigatória entre o sujeito do infinitivo e o sujeito de *Fazer*.

Em ambas as construções que já referimos, o nome pode estar relacionada com um verbo, com um adjectivo, ou pode tratar-se de um substantivo isolado. Assim, encontramos nas nossas Tábuas *V-n* ligados a verbos cuja estrutura é, no primeiro caso *NO V (errar)* ⁽¹⁾ e no segundo *NO V N1 (humilhar)*:

NO FAZER o V-n de V0inf W

A Maria faz o erro de sair

NO FAZER o V-n de V0inf W a N1

O João faz à Maria a humilhação de roubar

(1) No sentido de "cometer erros".

Os exemplos de V-n ligados a verbos com a primeira das estruturas são escassos: *pecado, sacrifício, tentativa, trabalho, treino*. Mas os V-n ligados a verbos com a segunda estrutura são mais frequentes e parecem integrar-se preferencialmente na classe dos verbos "psicológicos": *humilhar, insultar, injuriar, ofender, ultrajar, vexar, etc.*

O nome pode também estar ligado a um adjetivo:

O Luís fez a doidice de voltar

O Pedro fez à Teresa a crueldade de fugir

Delicadeza, amabilidade, deslealdade, são derivados de adjetivos, podendo estes aceitar o advérbio de intensidade, por exemplo:

O Pedro é muito (delicado + amável + desleal)

De referir ainda a possibilidade de, em alguns destes casos, o verbo *Fazer* ser parafraseado por *Cometer*, designando os julgamentos, majoritariamente negativos, que o locutor faz acerca das acções de *N0*.

Finalmente, encontramos expressões em que temos um *N*, sem verbo que lhe corresponda. Trata-se de nomes predicativos autónomos, como:

O Luís fez o gesto de partir

A Maria fez ao João a fita de fugir

1.6 As completivas

Há determinadas expressões *Fazer N* que têm um argumento frásico em que *N1* =: *Que F*, com o verbo no indicativo ou no conjuntivo, isto é, possuem a propriedade de aceitar na sua construção uma completiva. A algumas destas expressões correspondem verbos que, regra geral, também aceitam essa completiva.

1.6.1 A completiva *Que F*

Podemos ter casos em que se verifica um paralelismo perfeito entre a construção verbal e a construção *Fazer V-n*, como com os verbos *declarar* e *comunicar*. Estes verbos designam actos de fala e têm a estrutura:

N0 V (N1 + Que F) a N2

O João (*declara + comunica*) (*o seu amor + que parte*) à Maria

As expressões *Fazer V-n* correspondentes são :

N0 faz Det V-n (de N1 + Que F) a N2

O João faz à Maria a (*declaração + comunicação*) (*do seu amor + que parte*) ⁽¹⁾

Ao contrário do que se verifica em relação ao complemento nominal, que é sempre antecedido pela preposição *de*, a completiva não é obrigatoriamente anteceda de preposição. Pelo menos essa é a intuição da maior parte dos falantes cujos juízos de aceitabilidade solicitámos a respeito desta questão. No entanto, a preposição *de*

(1) O argumento a *N1* é facultativo em ambas as construções.

está subjacente nestas construções. Assim:

O João faz à Maria a promessa (E + de) que parte

M. Gross (1968) considera que a estrutura *Que F*, do francês, é uma forma reduzida de *de ce Que F*, resultante da transformação por apagamento da preposição *de* e do demonstrativo *ce*: [pc z.]. Também o teste da pronominalização da completiva, com a forma *disso*, evidencia que a preposição *de* está presente:

O João faz (a promessa disso + disso promessa)

Parece-nos que podemos, então, afirmar que há um *de* subjacente a todas as completivas com o verbo-suporte *Fazer*, que é o mesmo *de* do complemento de *N1* e que pode ou não surgir na estrutura de superfície. Parece-nos poder também afirmar que, com *Fazer N*, uma completiva equivale a um grupo nominal, como acontece com outras estruturas. Assim:

O João faz a promessa de que vem

O João faz a promessa da sua vinda

O João faz a revelação de que sofre

O João faz a revelação do seu sofrimento

Existe ainda a possibilidade de reduzir a completiva a uma infinitiva, assente na complementaridade geral existente entre elas pois certas formas infinitivas ⁽¹⁾ são formas reduzidas ou derivadas de completivas. Tal como com os verbos e os adjectivos paralelos, *Que*

(1) Alguns *N* só se constroem com uma infinitiva, sem completiva associada, como por exemplo, o nome predicativo *jeito*:

O João fez à Maria o jeito de levar as crianças à escola

F reduz-se a infinitiva sempre que há co-referência entre o sujeito de *Fazer N* e o sujeito do verbo da completiva. Assim, poderemos reduzir *Que F a de V0inf W* :

O João faz a promessa de vir

O João faz a revelação de sofrer

Com a construção verbal correspondente à expressão *Fazer V-n* também existe esta possibilidade embora a preposição *de* não surja:

O João promete vir

O João revela sofrer

Com o nome operador *facto*, a preposição *de* surge obrigatoriamente:

O João revela o facto de sofrer

1.6.2 A completiva *Que conj*

Encontramos ainda nomes como *recomendação*, *imposição*, *pedido*, *sugestão*, que admitem uma construção com uma completiva cujo verbo está no modo conjuntivo:

A Maria fez à Teresa (a recomendação + a imposição + o pedido + a sugestão) que cantasse

Os verbos correspondentes admitem também a completiva no conjuntivo:

A Maria (recomendou + impôs + pediu + sugeriu) à Teresa que cantasse

A análise que fizemos parece sugerir que estes verbos simples aceitam a redução da completiva a uma infinitiva mas que esta não tem a mesma forma que tem na expressão com *Vsup Fazer*. Com a completiva *Que Fconj* não há co-referência entre o sujeito de *Fazer V-n* e o sujeito do *V* da completiva. Teremos que opor:

A Maria fez à Teresa (a recomendação + a imposição + o pedido + a sugestão) de cantar

A Maria (recomendou + impôs + * pediu + sugeriu) à Teresa cantar

Parece-nos ser possível a infinitiva sem preposição com os verbos *Recomendar*, *Impôr* e *Sugerir*. Com a pronominalização do complemento a *Nl* em *-lhe* as frases tornam-se mais aceitáveis:

A Maria (recomendou-lhe + impôs-lhe + sugeriu-lhe) cantar

Simultaneamente aparece mais clara a relação entre o sujeito da completiva e o sujeito da infinitiva correspondente.

Com o verbo *Pedir* poderemos ter uma infinitiva antecedida da preposição *para*:

A Maria pediu à Teresa para cantar

Nesta infinitiva regista-se no entanto a ambiguidade no que diz respeito à co-referência dos sujeitos: o sujeito da infinitiva pode ou não ser o sujeito da principal.

2. EXPRESSÕES COM ELEMENTOS FIXOS

No decurso da análise que fizemos sobre os nomes predicativos com o *Vsup Fazer* constatámos que se impunha, por um lado, a distinção entre as expressões que constituem o nosso objecto de estudo, que são expressões com *Vsup*, e outras que são geralmente designadas pela tradição lexicográfica por "locuções", "expressões fixas" e "expressões idiomáticas" e confundidas com as primeiras.

Por outro lado, é imprescindível que, no seio das expressões FAZER *N* façamos a distinção entre construções com *Vsup* e "expressões com elementos fixos".

A Lexicografia tem-se debatido com a problemática questão da inserção das expressões idiomáticas nos dicionários, destacando-as, por vezes, graficamente. De facto, elas colocam problemas, quer no que diz respeito ao lugar onde se devem colocar no artigo do dicionário, quer no que diz respeito à sua determinação.

A caracterização deste tipo de expressões tem assentado tradicionalmente no seu carácter fixo, não composicional, quer do ponto de vista sintáctico quer do ponto de vista semântico, isto é, o seu sentido não pode ser deduzido a partir do sentido dos elementos que as constituem.

Por outro lado, as expressões idiomáticas são caracterizadas, pela ausência de determinante (têm o determinante zero), o que marca o carácter de "fixidez" de expressões como: *dar água pela barba* ou *prometer mundos e fundos*.

M. Gross (1984, 1985) pôs o acento na dificuldade do estabelecimento de diferenças estanques entre construções produtivas e construções

fixas, pois não se regista uma separação nítida entre as formas livres e as formas fixas. É sobretudo uma questão de definição, não há uma fronteira sintáctica clara entre as expressões idiomáticas e as outras.

São escassos os exemplos de frases em que pode haver variação livre de todos os elementos, dentro dos limites de escolha em determinadas classes distribucionais.

Por oposição a estas construções, existem outras em que não é possível haver variação de nenhum dos seus elementos. São exemplos deste último caso os provérbios, como " O prometido é devido", e expressões como: "Fazer cera", no sentido de "não fazer nada, não realizar trabalho nenhum".

Entre estes dois casos extremos existem expressões em que apenas alguns elementos são fixos entre si, formando um grupo coeso que não se pode alterar. Assim, no exemplo que E. Ranchhod (1988) refere:

N Piscar (o, ?um) olho a N

verifica-se que ambos os N são livres do ponto de vista lexical, inclusivamente os determinantes podem variar. Apenas a combinação $V-n =:$ (piscar - olho) é invariável.

Morais (1953) agrupa sob a designação geral de "locuções verbais" muitas expressões nominais com V_{sup} Fazer em que não temos elementos fixos e que agrupámos nas Tábuas das respectivas construções, como:

"Fazer a apologia de N_1 "

Mas a par destas expressões surgem outras, como:

"Fazer gato sapato de Ni"

que, como veremos a seguir, se integra no grupo das expressões com elementos fixos.

Estão também incluídas no dicionário de Morais expressões em que *Fazer* é pro-verbo, como:

"Fazer a barba"

logo seguida da expressão com elementos fixos e sentido metafórico:

"Fazer a barba a N"

Como vemos, estes tipos de expressão não são distinguidos uns dos outros e são, na nossa perspectiva, incorrectamente englobados sob a designação de "locuções" e "expressões idiomáticas".

Como já dissemos, no nosso estudo distinguimos *N* livres e *N* não livres (ponto 1.3, cap. II). Esta distinção corresponde à distinção entre construções com *Vsup* e expressões com elementos fixos.

Com os primeiros, os determinantes são livres; todas as expressões com *N* livres têm um sujeito *NO* e complementos livres do ponto de vista lexical, à semelhança de qualquer construção verbal ou adjectival:

O (Pedro + vizinho) faz uma intromissão (nos assuntos + na casa)
(do João + da irmã)

Distinguimos também os *N* não livres, em que o determinante é fixo

mas, mesmo aqui, os sujeitos e os complementos, quando os há, também são de maneira geral lexicalmente livres:

(A Maria + o rapaz) faz frente ao (pai + Pedro)

O verbo *Fazer* é aqui um verbo-suporte mas o determinante de *N* é fixo (neste caso =:E). Outro exemplo do que acabámos de referir é a expressão "Fazer fogo sobre N1":

Os soldados fizeram fogo sobre os inimigos
A Maria fez fogo sobre o João

Concluindo, não consideramos no nosso estudo que, pelo facto de existir um elemento fixo numa expressão, ela tenha de ser integrada no grupo das expressões fixas. Assim, a expressão: "Fazer penitência" não é uma expressão idiomática pois a par dela pode surgir a expressão "Fazer uma penitência dura".

Tal como uma construção verbal ou adjectival qualquer, as expressões como esta têm um sujeito *NO* e complementos livres, do ponto de vista lexical e, o que é fundamental, estas expressões aceitam um determinante livre. Também a expressão "Fazer jus a N1", que partilha da propriedade de variação lexical do sujeito e do complemento, é considerada, na perspectiva analítica que adoptámos, uma expressão com elementos fixos, dado incluir um *N* não livre, isto é, cujo determinante é fixo.

Pensamos que o estudo sistemático deste tipo de construção *Fazer*

N, da questão das expressões idiomáticas e sua distinção, lançará luz sobre outros aspectos não abordados por nós. De facto, pretendemos apenas diferenciar os casos em que, nas expressões com *Vsup Fazer*, os *N* são livres pois aceitam um determinante livre, e os casos em que o *N* não admite um determinante livre, mas sim um determinante fixo.

Um problema que se coloca é o dos casos "intermédios", em que uma expressão *Fazer N* aceita um determinante indefinido (o *N* é, portanto, livre), logo, aceita a relativização, mas não é possível formar-se o *GN* =: *O N de N0 Prep N1*, como "Fazer caso de *N1*", que já referimos nos pontos 1.3. e 1.3.1 do cap. II. Estão também nesta situação expressões com complemento locativo como: "Fazer castelos no ar" ou "Fazer cruces na boca". Para exemplos como estes é difícil saber se se trata de uma construção verbal com um elemento fixo (*Prep N1*) ou se se trata de um nome composto. O teste da extracção sugere a segunda hipótese:

- * É no ar que o João faz castelos
- * É na boca que o João faz cruces

De facto, não é possível extrair o elemento *Prep N1* e conservar o sentido da expressão. No entanto, a resposta a esta questão fica em aberto.

CAPÍTULO III - COMENTÁRIO DAS TÁBUAS

0. INTRODUÇÃO

Agrupámos nas mesmas Tábuas os *N* e os *V-n* construídos com o *Vsup Fazer* que reunimos. Este procedimento baseou-se na constatação de que existe coincidência entre ambos os tipos de nome predicativo no que diz respeito às suas propriedades lexicais e sintácticas. Assim, faremos o comentário destes nomes em conjunto, englobando-os sob a designação comum de *N* ⁽¹⁾ por forma a simplificar a organização e exposição do trabalho.

Cada Tábua corresponde a uma classe léxico-sintáctica.

Como já dissemos, descrevemos os nomes segundo a sua forma frásica, classificando-os de acordo com a forma dos seus complementos, os grupos *Prep N1*.

Assim, distinguimos quatro construções sintácticas para os *N* predicativos com *Vsup Fazer*, distribuídas pelas respectivas Tábuas:

F1 : N0 FAZER Det N =:

O João fez uma dívida

F2 : N0 FAZER Det N Prep N1 =:

Os caçadores fizeram uma batida na mata

F3 : N0 FAZER Det N a N1 =:

A Maria fez uma tirania ao Pedro

F4 : N0 FAZER Det N de N1 =:

Os deputados fizeram o veto da proposta

(1) Como referimos em 1.3 do cap. II, *N* representa os nomes livres. *C* designa os nomes não livres.

Nas Tábuas referidas agrupámos *N*. Os *C* surgem inseridos noutras Tábuas, de acordo com a sua construção sintáctica também. Assim:

F5 : *N0 FAZER C =:*

O Luís faz gazeta

F6 : *N0 FAZER C Prep N1 =:*

A camioneta fez alto no largo da aldeia

F7 : *N0 FAZER C a N1 =:*

O Pedro faz companhia à Maria

No ponto 1.3 do capítulo anterior falámos sobre os determinantes que ocorrem com *N* predicativo com *Vsup Fazer*. Raros são os nomes que só aceitam um destes determinantes. Assim, a generalidade dos nomes aceita vários determinantes que foram registados nas colunas das Tábuas. Por outro lado, há ainda alguns nomes que se constroem com um determinante específico, o que também foi anotado em coluna, como por exemplo:

O João faz a sua obrigação

em que Det =: *Poss0*.

Alguns nomes encontram-se nas suas formas singular e plural dado haver uma ligeira "nuance" semântica entre ambas como no caso de :

A Maria faz as compras

A Maria fez uma excelente compra

O nome *variedades*, por exemplo, só aparece na sua forma plural, com determinante zero, usual quando *N* está no plural. Anotámos também em coluna a possibilidade de um *N* poder surgir na sua forma plural com o *Vsup Fazer*, dado que alguns só podem surgir no singular.

Por vezes, as expressões com o *Vsup Fazer* são mais naturais quando este se encontra no passado (pretérito perfeito); por esta razão, o seu tempo verbal varia de exemplo para exemplo, ao longo da descrição. Deixamos em aberto a possibilidade de um estudo que relacione *Vsup NPred* e tempos verbais.

Escola Superior de Educação
de Castelo Branco
BIBLIOTECA

1. TÁBUA F1 : NO FAZER Det N

Nesta Tábua agrupámos os nomes cuja estrutura argumental se resume a um único argumento: *NO*, sujeito de *Fazer*. Encontramos aqui expressões do tipo: *NO FAZER Det N* e *NO FAZER Det V-n*. Não existe, portanto, complemento preposicional nestas expressões.

Todos os nomes aqui agrupados são livres, isto é, aceitam um determinante indefinido, com ou sem *Modificador* obrigatório, como:

O João faz (um delito + uma pausa + uma sesta + um gesto + um sacrifício + um desvio + um depósito)

Alguns dos nomes desta Tábua podem construir-se com um complemento locativo, como, por exemplo:

Os carros fazem um barulho intenso na rua

O Pedro fez uma fraude na empresa

O Luís faz um treino no estádio

No entanto, estes complementos não foram tidos em consideração pois não se revelam imprescindíveis para a construção, sendo designados por alguns linguistas como "cénicos", ao contrário dos complementos que referem uma deslocação de *NO* ou a localização de *N1* relativamente a *N* e que surgem na Tábua *F2*, por exemplo:

A Maria faz uma excursão a Marrocos

O Pedro faz uma marca na árvore

1.1 Propriedades sintáticas

Estes nomes apresentam as propriedades idiossincráticas das construções com $V_{sup} =: \text{Fazer}$:

Relação de $NPred$ e NO :

O João fez uma folga

* O João fez a folga do Luís

A Maria fez um pecado

* A Maria fez o pecado da Teresa

Formação de GN com a forma ON de NO não ambíguo e com o mesmo sentido da expressão $\text{Fazer } N$, como mostra a relação entre:

A folga do João [custou-lhe o emprego]

= A folga que o João fez [custou-lhe o emprego]

O pecado da Maria [envergonha-a]

= O pecado que a Maria fez [envergonha-a]

A interrogativa em Que :

O João fez uma folga

* - Que fez o João?

- Uma folga

A Maria fez um pecado

* - Que fez a Maria?

- Um pecado

Equivalência entre advérbio e adjectivo aspectuais

O João faz uma folga semanalmente

O João faz uma folga semanal

A Maria faz vergonhosamente um pecado

A Maria faz um pecado vergonhoso

1.1.1 Complemento no infinitivo

Além destas propriedades sintácticas há a considerar ainda que algumas destas expressões aceitam um complemento no infinitivo (ponto 1.5, cap. II):

O Luís fez o disparate de contar a verdade

O Pedro fez a tarefa de cortar a relva

O André fez o gesto de partir o prato ⁽¹⁾

Estes exemplos pertencem ao grupo das expressões em que o verbo *Fazer* pode ser substituído por *Cometer* ou *Realizar Det N*, que o parafraseiam. A sua distribuição lexical é a seguinte: *Cometer* para as acções "negativas", como *loucura*, *excesso*, *imprudência* :

O Luís (fez + cometeu) uma loucura

O Luís (fez + cometeu) a loucura de fugir do país

(1) Como já referimos, o determinante é, nestes casos, obrigatoriamente o determinante definido, por isso esta propriedade não aparece na Tábua.

Com nomes como *feito*, *façanha*, *prodígio*, consideradas acções "positivas", o verbo *Fazer* é parafraseável por *Realizar* :

O piloto (fez + realizou) uma façanha

O piloto (fez + realizou) a façanha de vencer a Fórmula 1

1.1.2 Alternância entre *de Nhum* e *a Nhum* :

Alguns dos nomes desta Tábua podem construir-se com um complemento facultativo a *Nhum* ou *de Nhum* semanticamente equivalentes. Assim, a par da construção *NO FAZER Det N* podemos encontrar também *NO FAZER Det N a Nhum* e *NO FAZER Det N de Nhum* ⁽¹⁾:

A Maria faz uma conta

A Maria faz uma conta ao Pedro

= A Maria faz ao Pedro a sua conta

= A Maria faz a conta do Pedro

O Luís faz as compras

O Luís faz as compras à Teresa

= O Luís faz à Teresa as suas compras

= O Luís faz as compras da Teresa

Em ambos os exemplos, o possessivo (*a sua, as suas*) corresponde, respectivamente a *Pedro* e a *Teresa*.

Estes complementos a *N1* e *de N1* podem juntar-se à estrutura em questão mas não são argumentos de *N*, ao mesmo nível de *ao Luís* ou *das crianças* em expressões como:

O João fez um pedido ao Luís (Tábua F3)

O Pedro fez o retrato das crianças (Tábua F4)

(1) Também encontramos esta alternância em expressões em que o verbo *Fazer* é pro-verbo:

O João faz a (cama + mala)

O João faz a sua (cama + mala) ao Pedro

= O João faz a (cama + mala) do Pedro

O possessivo *sua* é, neste caso, co-referente a *Pedro* e não a *João*.

Veremos que esta alternância também se verifica com os nomes da Tábua F4 (NO FAZER Det N de N1):

O Pedro fez o retrato das crianças
= O Pedro fez às crianças o seu retrato

mas com a diferença de que, nesta, de *Nhum* é argumento de *N*; por um lado, ele surge no GN =: O N de NO de N1 =:

[A Maria adorou] o seu retrato das crianças

Por outro lado, o possessivo que pode surgir no GN não é obrigatoriamente co-referente a *N1*. *Poss1* é quase obrigatório:

O Pedro fez à Maria o retrato das crianças
O Pedro fez à Maria o seu retrato

De facto, os nomes de que nos ocupamos na Tábua F1 não podem constar das Tábuas atrás referidas pois só aceitam muito dificilmente o determinante indefinido, com um modificador, e não podemos formar o GN =: O N de NO Prep N1 :

A Maria faz (* uma correspondência + ? uma correspondência difícil) do Luís

* A correspondência do Luís (à + da) Teresa [está atrasada]

Qual a origem deste complemento a *Nhum* ? Giry-Schneider (1987)

assemelha-o aos "datifs étendus" de Leclère (1976), como: *Paul ouvre la porte à Marie, casse trois verres à Marie.*

E qual a origem do complemento de *Nhum*? A mesma linguista aponta duas soluções susceptíveis de aclararem a situação: ou se trata de uma simples adjunção, equivalente a *por Nhum* ⁽¹⁾, ou se trata de um complemento resultante da redução de uma frase simples com verbo-suporte:

A Maria faz o exercício do Pedro

A Maria faz o exercício que o Pedro Vsup

No entanto, para que *de Nhum* possa ser originário da redução de uma frase simples, é preciso que *N* admita *Det* indefinido, o que nem sempre acontece, como verificámos acima.

Dada a dificuldade de explicar a origem deste complemento, Giry-Schneider levanta a hipótese de se tratar de um complemento básico, que faz parte da estrutura de base.

No entanto, há casos em que *de Nhum* pode ser derivado de uma relativa em que *Ter (de + Que) Fazer* seria o seu verbo:

A Maria faz a conta que o Pedro tem (de + que) fazer

(1) Ou "em vez de", "no lugar de". De facto, este complemento surge preferencialmente em expressões cujo *N* pertence à classe lexical dos nomes que designam uma actividade que se pode exercer no lugar de alguém, como: *compras, deveres, tarefa, correspondência*. Com outros *N* como os da lista *F2* esta alternância não é possível:

O Luís faz uma intervenção sobre a política actual

* O Luís faz (a + a sua) intervenção sobre a política actual (à Maria + da Maria)

M. Gross (1983) considera as duas formas, *de Nhum* e *a Nhum* como sinónimas e esquematizou essa relação de sinonímia da seguinte forma:

(N de N) = (N) (a N)

Ce film tape sur (les nerfs de Max)

Ce film tape sur les nerfs (à Max)

Em português este fenómeno da alternância entre estes dois complementos é bastante recorrente e, seja qual for a sua origem, aquela regra parece poder aplicar-se.

1.2 Determinantes

Existe uma relação de dependência entre os determinantes e os nomes e, dado que não registámos regularidade na aceitação dos determinantes, incluímos na Tábua F1 todos os determinantes que são passíveis de se combinarem com os *N* e *V-n* nela presentes.

Como já referimos, todos os *N* desta lista são livres, isto é, como também já vimos, aceitam um determinante indefinido, com ou sem modificador obrigatório.

Encontramos também nomes cujo determinante mais usual é o determinante zero:

A Maria faz (regime + sucesso + desporto ⁽¹⁾ + penitência + variedades + economia + tricot)

e registamos uma certa regularidade a este nível, pois na maioria dos casos *Det* =: *E* e *Det* =: um sem *Modif* excluem-se ⁽²⁾:

O Pedro faz *E* (jejum + política + dinheiro)

O Pedro faz * um(a) (jejum + política + dinheiro)

O Luís faz um(a) (crime + novena + ditado)

* O Luís faz *E* (crime + novena + ditado)

(1) Este é um *Nclass* pois pode ter uma forma em *Ser* produtiva, como: "(o ski + a natação + a yoga + a canoa + a regata + o jogging) é um desporto". Esta é uma frase classificadora pois o nome classificador faz parte da lista dos nomes classificados. Lexicalmente a lista destes *N* é aberta, estando apenas representados, aqui, uma amostra deles e não uma lista sistemática dos termos por ele englobados. Esta classe compreende a maioria das gírias profissionais.

(2) Os *N* aqui reunidos são livres pois aceitam um determinante indefinido e, portanto, a relativização.

Todos os *N* e *V-n* desta Tábua se podem construir com o possessivo reflexo, obrigatoriamente co-referente do sujeito de *Fazer*. Há alguns nomes que aceitam preferencialmente este determinante, como:

O João fez a sua aparição
A Teresa faz a sua obrigação

A maioria dos nomes aceita este determinante a par de *Det* =: *um* com *Modif* obrigatório, como:

O artista fez (* uma + a sua + uma sensacional) estreia
O bandido fez (* uma + a sua + uma comovente) retratação
A actriz fez (* uma + a sua + uma deslumbrante) entrada ⁽¹⁾
A Maria fez (*um + o seu + um fervoroso) noviciado

Nestes casos, assinalámos na Tábua esta particularidade, incluindo a referência da aceitação do possessivo por parte destes nomes.

Alguns dos nomes aqui incluídos são mais usuais no plural, sem determinante:

O Pedro faz (habilidades + façanhas + desacetos + progressos)

Por outro lado, há casos em que o determinante provoca cambiantes semânticos ou aspectuais. Assim, verificamos diferenças de sentido em:

O João faz (um + E) salto

(1) A classe dos *NO* não está semanticamente restrita aos campos lexicais aqui apresentados.

De facto, com *Det =: E* ⁽¹⁾ a frase significa que o *João* faz do salto a sua actividade profissional, ou que é atleta. Com *Det =: um*, a frase adquire um sentido diferente pois pode significar que o *João* fez um salto isolado, talvez de surpresa ou de susto, não correspondendo a nenhuma actividade frequente ⁽²⁾.

À expressão com *Det =: E* corresponde apenas o *GN =: O N* e não o *GN =: O N de NO* :

O salto [exige um treino desgastante]

Também um nome como *exercício* pode ter diferentes valores de acordo com o determinante que o preceder ⁽³⁾:

A Maria faz (um exercício + exercícios) (E + de Matemática)

A Maria faz exercício

Os soldados fazem o exercício

Tal como no exemplo anterior, não se pode formar o *GN =: O N de NO* só o *GN =: O N* para a expressão com *Det =: E* :

O exercício [é salutar]

Por outro lado, na expressão *Os soldados fazem o exercício* existe uma restrição lexicál para *NO*, cujo campo semântico deve corresponder apenas ao âmbito militar. O mesmo se passa em relação a um *N* como *formatura* na frase: *Os soldados fazem a formatura*. Se *NO* pertencer

(1) Se o nome estiver no plural, sem determinante, também tem a mesma carga semântica ou o mesmo valor aspectual de repetição.

(2) Por outro lado, *Det =: um Modif* traz diferenças de sentido: *O João faz um (pequeno + grande) salto*.

(3) Esta constatação parece sugerir que há nomes com regime (tal como um *V*) e nomes sem regime.

a outra área semântica, a frase tem outro sentido, havendo, no entanto, ainda a necessidade de *Det =: Poss0*: *A Maria fez a sua formatura.*

1.3 Comparação entre FAZER V-n e construção verbal associada

À maioria das formas *NO FAZER Det V-n* correspondem verbos que têm a construção *NO V*, como:

O João progride

O João faz progressos

A Maria ora

A Maria faz uma oração

A doença evolui

A doença faz a sua evolução

Há alguns verbos que se constroem com um complemento directo *N1* que não pode aparecer na construção *Fazer V-n* que lhe equivale. É o caso de *tricotar*, por exemplo :

A Teresa tricota um pullover

A Teresa faz (um + E) tricot

* A Teresa faz (um + E) tricot de pullover

Já com os verbos *Saltar* e *Correr* temos um caso diferente pois eles admitem um complemento directo (*NO V N1*) que pode surgir na construção *Fazer V-n* ⁽¹⁾:

O João salta dois metros

O João faz um salto de dois metros .

(1) Segundo A. Guillet poderá ser também objecto interno como:

O João (nada os cem metros bruços + dorme um sono + chora lágrimas amargas .

O João corre os cem metros

O João faz a corrida dos cem metros

Neste caso, aquele complemento directo implica restrições ou modificações de sentido e de aspecto no verbo. *Det =: E* não é possível:

* O João faz salto de dois metros

* O João faz corrida de cem metros

A grande maioria destes *N* e *V-n* agrupados em *F1* têm um *N0* de tipo *Nhum*. Apresentamos alguns exemplos de nomes que aceitam também um *N-hum*:

(O João + o carro) fez um grande barulho

O cão fez (E + uma grande) desordem

O autocarro fez uma curva apertada

(A afirmação do João + a Maria + o facto de o João ter vetado a proposta do Pedro) fez uma grand controvérsia

Alguns *N* implicam que *N0* esteja no plural:

As crianças fazem uma roda

Existem outros *N*, como *música* ou *direito* que designam actividades artísticas e intelectuais e que poderão ser integrados nesta Tábua. Não figuram outros neste momento porque não surgiram nos dicionários que consultámos.

2. TÁBUA F2 - NO FAZER Det N (E + Prep N1)

As expressões alistadas em F2 apresentam a forma: NO faz Det N (E + Prep N1), em que N tem, portanto, um segundo argumento, um complemento preposicional. As preposições encontradas são as seguintes:

- com :

O João faz um pacto com o Pedro

- sobre:

O jornalista faz um artigo sobre a guerra servo-croata

- a:

O Pedro faz uma introdução à obra do Luís ⁽¹⁾

- Loc =: a :

Os exploradores fazem uma expedição à Amazónia

=: em :

O navio faz escala no porto de Leixões

=: sobre :

O João fez um voo sobre a Madeira

- contra:

Os soldados fizeram uma ofensiva contra os inimigos

- entre N1 e N2:

A Maria faz a distância entre Lisboa e Castelo Branco

Encontramos poucos nomes com as preposições, por e para, daí fazermos esta referência particular, incluindo-as nas Tábuas ⁽²⁾:

Os camionistas fazem um(a) (desvio + passagem) por Abrantes

A Maria fez uma fuga para Lisboa

(1) As expressões que incluem um complemento a *Nhum* estão agrupadas na lista F3 =: NO faz Det N a N1, onde figuram exclusivamente as construções em que N1 =: *Nhum*, por justificativos de ordem sintáctica e semântica. Aqui, em F2, reunimos as expressões em que N1 é do tipo *N-hum*.

(2) Há ainda alguns nomes cujo complemento preposicional é introduzido por *junto de*.

A preposição *para* surge também, sem o sentido direccional, em :

O professor fez uma excepção para a Maria

Englobamos ainda em *Loc* os nomes *Npc*, ou seja, os complementos que designam partes do corpo de *Nl*:

O João fez um golpe à Maria

significando no braço da Maria, por exemplo.

Já analisámos, no ponto 1.4.1 do Cap. II, os problemas que estas construções com complementos preposicionais colocam, no que diz respeito à distinção entre complemento preposicional argumento de *N* e complemento preposicional dependente de toda a frase *NÓ FAZER Det N*.

O estudo dos verbos-suporte não traz resposta à questão da dependência de um complemento preposicional em relação ao verbo (ou a *Fazer N*) com o qual ele figura, quando não é obrigatório.

Estes predicados nominais designam processos. Há *V-n* com construções verbais correspondentes e há nomes morfologicamente associados a verbos mas que não têm construção verbal sintacticamente associada.

2.1 Propriedades sintáticas

As expressões que aqui agrupamos têm as propriedades das anteriores, isto é, têm as propriedades características das construções com *Vsup Fazer*. Vejamos alguns exemplos:

Relação de *NPred* e *NO* :

A Maria faz um contrato com o Pedro

* A Maria faz o contrato do Luís com o Pedro

O João faz uma dissertação sobre Semântica

* O João faz a dissertação sobre Semântica da Teresa

Formação de *GN* independente com a forma *O N de NO Prep NI* não ambíguo, com o mesmo sentido da expressão *Fazer N* :

Os fiéis fazem uma peregrinação a Fátima

A peregrinação dos fiéis a Fátima [é penosa]

O professor faz uma comparação entre A e B

A comparação do professor entre A e B [não agradou aos alunos]

A interrogativa em *Que* :

O Luís fez um passeio no Parque

* - Que fez o Luís no Parque?

- Um passeio

O inimigo fez uma incursão no território dos aliados

* - Que fez o inimigo no território dos aliados?

- Uma incursão

Equivalência entre advérbio e adjectivo aspectuais:

Os populares fazem uma manifestação pacífica contra a poluição
Os populares fazem uma manifestação contra a poluição pacificamente

O João fez uma adesão rápida à teoria da Maria

O João fez uma adesão à teoria da Maria rapidamente ⁽¹⁾

2.2 Os determinantes:

Registamos uma regular aceitação por parte dos *N* e *V-n* desta Tábua de *Det* =: *um*, com ou sem *Modif* obrigatório. Tal como na Tábua anterior, também aqui encontramos alguns nomes cujo determinante mais usual é zero, como:

O professor faz confusão entre os alunos do 1º e os alunos do 2º ano

O Pedro faz campanha contra a poluição

Os polícias fizeram silêncio sobre o roubo

A Maria fez alusão à importância da Linguística

2.3 Os complementos locativos: *N0 FAZER Det N Loc N1*

Os complementos locativos que podem ocorrer com os nomes aqui recenseados podem ser introduzidos por várias preposições, como já referimos, que estão representadas pelo símbolo *Loc*.

(1) A posição dos adjectivos na frase obedece a restrições enquanto que a posição dos advérbios não tem restrições.

A obrigatoriedade do aparecimento do complemento locativo nas expressões desta Tábua verifica-se em alguns exemplos ⁽¹⁾. Com a maioria dos nomes ele revela-se facultativo, como em :

A Maria fez um voo nocturno

Os rapazes fizeram (uma briga + uma viagem + uma romaria)

Nas Tábuas o complemento locativo surge com as expressões que designam realmente uma deslocação do sujeito ou uma localização de *N* em relação a *N1*. Estes são casos que encontramos em que é obrigatória a presença de um complemento locativo:

O João faz uma (estadia + estada + intrusão + incursão) na casa do Pedro

O João faz uma passagem por Lisboa

Algumas das expressões que figuram nesta Tábua designam uma deslocação de *N0* de um lugar para outro, por meio de complementos de "destinação" e de complementos "direccionais". Chamamos-lhes nomes predicativos de movimento; respondem à pergunta com *onde*, origem da *Ppv* : *lá* :

O João faz uma expedição ao Tibete

Os turistas fazem uma excursão ao Egipto

A Maria fez uma fuga para Lisboa

(1) O problema de saber se se trata de complementos de verbo ou de frase não se coloca aqui. Sobre os complementos locativos no português referimos M^a Elisa Macedo (1984).

Parece-nos ser possível confirmar a ideia de deslocação de *N0* de um lugar para o outro, pelo estabelecimento de uma equivalência entre estas expressões que especificam uma deslocação de *N0* e alguns verbos de movimento como *Ir*, cujos argumentos serão *N0* e *N1* :

N0 FAZER Det N Loc N1 =:

O João faz uma viagem a Londres

N0 IR N1:

O João vai a Londres

O locativo duplo de *N1* para *N2*, que responde à pergunta *De onde para onde ?*, é o único complemento que surge nestas expressões indicando a origem de uma deslocação:

O João faz uma viagem de Lisboa para o Porto

* O João faz uma viagem de Lisboa

Este complemento não é, no entanto, obrigatório, como mostram os exemplos com o verbo no passado:

O João fez uma viagem para o Porto

O João fez uma viagem

Uma comparação entre os complementos locativos de algumas expressões *Fazer V-n* e da construção verbal associada a cada uma delas parece indicar que se regista a conservação em ambas as construções

das mesmas preposições. Assim:

A Maria negoceia com o Pedro

A Maria faz um negócio com o Pedro

O João disserta sobre Semântica

O João faz uma dissertação sobre Semântica

O Luís passeou (em + por) o parque

O Luís fez um passeio (em + por) o parque

Há casos em que *Loc* é facultativo apenas na construção verbal:

A Maria fugiu

A Maria fugiu para Lisboa

* A Maria fez uma fuga

Este facto parece resultar da escolha lexical de *N0* pois se este for, por exemplo, *o ciclista* ou *os reclusos*, a frase com *Vsup Fazer* sem *Loc* é aceitável:

O ciclista fez uma fuga

Os reclusos fizeram uma fuga

2.4 Expressões simétricas: NO FAZER Det N com N1

Na Tábua F2 figuram expressões predicativas com *Vsup Fazer* simétricas, isto é, construções em que surge o complemento com N1. Por exemplo:

O João faz um negócio com o Pedro
= O João e o Pedro fazem um negócio

A Maria faz um jogo com a Teresa ⁽¹⁾
= A Maria e a Teresa fazem um jogo

O Luís faz coabitação com a Teresa
= O Luís e a Teresa fazem coabitação

Estas expressões correspondem a verbos simétricos, ou a frases em que há um sujeito plural e que veiculam a ideia de simetria das acções, que só podem ser executadas em conjunto com outra pessoa.

A noção de simetria adoptada neste estudo é a de J. Fonseca (1984), que define os verbos simétricos em bases semânticas. Segundo esta perspectiva, no semantismo dos verbos do tipo de *Casar* existe "uma dupla orientação do processo linguisticamente configurado", o que, pensamos, também acontece com verbos como *Negociar*, *Jogar* e *Coabitar*. Assim, ao contrário do que A. Borillo (1971) sustenta, na óptica de J. Fonseca, entre (1) e (1') existe não apenas uma relação de mera

(1) A preposição *contra* pode aparecer em alternância com a preposição *com*, tal como acontece com os verbos, desaparecendo neste caso a ideia de simetria.

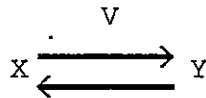
paráfrase mas uma relação de implicação mútua:

(1) X (negocia + joga + coabita) com Y \Leftrightarrow (1') Y (negocia + joga + coabita) com X

de acordo com o esquema:

$SN1 V (prep) SN2 \Leftrightarrow SN2 V (prep) SN1$

Como vemos, pode haver inversão de X e de Y, isto é, dos SN, actantes de V: o processo transmitido por este orienta-se de X para Y e, simultaneamente, de Y para X. Há, assim, uma relação de reciprocidade já configurada no próprio semantismo do verbo, esquematizada por:



Este esquema equivale a:

$SN1 e SN2 (se) V$

X e Y (negociam + jogam + coabitam)

Um verbo como *Competir* não é, nesta perspectiva, um verbo simétrico pois não preenche os requisitos atrás referidos:

(2) X compete com Y \neq (2') Y compete com X

No caso deste verbo, não existe a relação de implicação mútua nem de reciprocidade. O esquema:

(2'') X e Y competem

não está em relação de parassinonímia com (2), o enunciado representado em (2) não implica nem é implicado pelo representado em (2'). Ou seja, enunciar (2) não envolve necessariamente o que está contido em (2') e vice-versa. O esquema:

$X \vee Y \Leftrightarrow Y \vee X$

não é aplicável àquele verbo.

Nas frases em que surge um sujeito plural pode haver lugar a duas interpretações semânticas, em que a preposição *com* pode significar em *companhia de*, para além de transmitir a ideia de simetria que estamos a tratar. Assim:

O Luís e a Teresa fazem uma luta um contra o outro

pode surgir a par de :

O Luís e a Teresa fazem uma luta ao lado um do outro

Para obviar a esta situação, isto é, para ser clara a distinção entre estes dois sentidos da preposição *com*, é necessário testar a possibilidade da formação do GN obtido por redução da relativa *com Vsup*. Assim, com os nomes que têm realmente um sentido simétrico, como *negócio*, a preposição mantém-se sem qualquer reserva, enquanto que com outros nomes, como *trabalho* o GN obtido é dificilmente aceitável:

O negócio que o João fez com o Pedro [foi rentável]
= O negócio do João com o Pedro [foi rentável]

O trabalho que a Teresa faz com o Luís [é longo]
? O trabalho da Teresa com o Luís [é longo] ⁽¹⁾

Esta diferença de aceitabilidade parece indicar que, com os nomes de sentido simétrico, *com N1* é argumento de *N* mas com os nomes que não são simétricos o seu estatuto será o de operador, no sentido de Harris (1974).

Também a existência de um GN =: *O N* entre *NO* e *N1* proveniente da redução de *Vsup Haver* vem possibilitar a distinção entre os nomes que são simétricos e os que o não são :

O João faz um negócio com o Pedro
= O João e o Pedro fazem um negócio

O negócio entre o João e o Pedro [rende milhões]
= O negócio que há entre o João e o Pedro [rende milhões]
* O trabalho entre a Teresa e o Luís [é longo]

(1) Sem o complemento *com N1*, o GN obtido é perfeitamente aceitável.

Esta situação deve-se ao facto de não existir forma em *Haver* com estes nomes:

* Há um trabalho entre a Teresa e o Pedro

Para agrupar, de facto, apenas os nomes simétricos, apresentamos nesta Tábua as seguintes propriedades:

NO FAZER Det N com N1
= *NO e N1 fazem Det N*

e ainda:

GN =: O N entre NO e N1

que é equivalente a :

Há um N entre NO e N1

Há nomes que designam acções em que entram duas ou mais pessoas, como por exemplo *colóquio*, para os quais foram também representadas as duas propriedades atrás referidas, embora tenhamos que ressaltar que a construção simétrica para estes nomes é:

NO faz Det N com N1 plur
= *No e N1 fazem Det N*

e a construção com *Vsup* que tem o mesmo número de argumentos:

Há Det N entre NO e N1

2.5 Construção *NO FAZER Det N* entre *N1* e *N2*

Surgem ainda nesta Tábua alguns nomes que são expressões com o *Vsup* *Fazer* mas cujos argumentos *N1* e *N2* não apresentam uma relação de simetria no sentido em que esta foi descrita no ponto anterior. São, por exemplo, *V-n* correspondentes a verbos não simétricos, com dois complementos obrigatórios, um complemento directo e um complemento preposicional ou com um complemento no plural. Os seus dois complementos podem permutar um com o outro sem provocarem mudança de sentido mas, como já referimos, não se trata de uma relação de simetria no sentido estrito:

O João compara (A com B + A e B)
= O João faz uma comparação entre A e B
* A e B comparam (-se)

O Luís liga (A com B + A e B)
= O João faz uma ligação entre A e B
* A e B ligam (-se)

Encontramos também *N* autónomos, como:

A Maria faz uma analogia entre A e B
O Pedro faz uma dicotomia entre A e B

Nesta construção podemos ter frequentemente o artigo definido genérico, propriedade que vai representada na Tábua.

Os verbos *Estabelecer* e *Efectuar* funcionam como extensões de *Fazer*:

A Maria estabeleceu (uma comparação + uma dicotomia) entre A e B

Alguns nomes como *paralelismo* ou *relação*, não têm GN formado pela redução do Vsup *Fazer* mas sim uma forma com Vsup *Haver*:

Há uma relação entre A e B

O Pedro faz uma relação entre A e B

*A relação entre A e B

Nestes casos não estamos perante predicados nominais. Por isso, estes N não constam das nossas Tábuas. A entrada lexical de *relação* ou *paralelismo* é a forma em *Haver* ou *Ter* associada à construção adjectival:

A e B estão relacionados

= A e B (têm + apresentam) uma relação

A e B são paralelos

= A e B (têm + apresentam) um paralelismo

Nesta Tábua vai ainda indicada a possibilidade de alguns dos nomes nela incluídos aceitarem uma completiva *Que F*. Dado que as suas propriedades são comuns às da Tábua F3 faremos referência a estas propriedades no ponto a seguir.

3. TÁBUA F3 : N0 FAZER Det N a N1

As expressões desta lista têm a forma N0 FAZER Det N a N1 em que N1 =: Nhum exclusivamente:

- O João faz uma surpresa ao Luís
- O Pedro faz um elogio à Maria
- A Maria fez uma cena ao pai
- O Luís fez uma advertência à Teresa

Este tipo de construção, que se revela muito produtivo, inclui um complemento dativo com a forma a N1, pronominalizável em -lhe, sendo ambos os argumentos de N, isto é, N0 e N1, de tipo humano.

Semanticamente trata-se, na sua maioria, de acções ou atitudes agressivas ou elogiosas de N0 para com N1. Estão ainda agrupadas aqui algumas expressões que se constroem com o complemento contra N1 exprimindo apenas atitudes agressivas de N0 em relação a N1 :

- O Luís fez um ataque contra a Teresa
- O Pedro fez uma cilada contra o João

No entanto, para outras expressões existe uma alternância entre estas duas preposições, designando ambas a mesma atitude agressiva:

- O João fez uma ameaça (a + contra) a Maria

Outras expressões como:

- O João fez (uma proposta + um pedido + uma declaração + um aviso + um discurso + um convite) aos alunos

são actos de fala semanticamente diferentes dos já mencionados.

Em relação às propriedades sintácticas destes *N*, além da propriedade que já referimos, ou seja, *N0* é sempre um argumento *Nhum*, estas expressões têm as características das outras expressões com *Vsup* Fazer que vimos até aqui, por isso não as referiremos.

3.1 Determinantes

Em relação aos determinantes, encontramos regularmente *Det* =: *um*, com ou sem *Modif.* Trata-se, portanto, de *N* livres. Tal como nas outras Tábuas que já analisámos, também nesta figuram alguns nomes cujo determinante mais usual é zero:

Os soldados fazem (E + uma) continência ao General
O Pedro fez (E + um) sinal ao Luís
O comerciante fez (E + um) desconto à Maria
O João faz (E + um grande) estorvo ao Pedro

Podemos encontrar também um possessivo obrigatoriamente co-referente a *N0* :

O João faz (a sua + o seu) (visita + saudação + reparo) rápida
(o) à Maria
* O Pedro faz a visita da Teresa à Maria

Estas propriedades foram anotadas na respectiva Tábua.

3.2 Comparação entre FAZER V-n e construção verbal equivalente

Os verbos correspondentes aos V-n desta lista têm a forma *NO V N1*:

O Pedro humilha a Maria

O Pedro faz uma humilhação à Maria

O João interroga a Teresa

O João faz um interrogatório à Teresa

As construções verbais e as construções Fazer V-n têm a mesma forma de complementos:

A Teresa insultou o Pedro com a sua afirmação

A Teresa fez um insulto ao Pedro com a sua afirmação

O Luís entrevistou o João sobre a pesca submarina

O Luís fez uma entrevista ao João sobre a pesca submarina

Nesta lista figuram apenas os V-n que correspondem a construções verbais em que a relação sujeito-verbo é activa, *NO* é apenas de tipo humano bem como *N1* :

O Luís fez uma advertência à Maria

* (Este facto + o carro) fez uma advertência à Maria

As construções do tipo:

(O João + a camisola) incomoda a Teresa

(O João + a camisola) faz incómodo à Teresa ⁽¹⁾

em que a relação sujeito-verbo é interpretada como passiva foram integradas em F2.

(1) O verbo Incomodar é factitivo ou causativo, com interpretação passiva:

O João incomoda a Maria com a sua conversa
A conversa do João incomoda a Maria
A Maria incomoda-se com a conversa do João

3.3 Complementos no infinitivo

Algumas destas expressões têm ainda a propriedade de admitir um complemento no infinitivo (1.5, cap. II), cujo sujeito é co-referente a *NO*. O determinante é, nestes casos, obrigatoriamente o definido *Det* =: o (por isso esta propriedade não foi anotada na Tábua) , como em :

A Maria fez um vexame ao Luís

A Maria fez ao Luís o vexame de o insultar em público

O João fez um favor ao Pedro

O João fez ao Pedro o favor de sair com ele

O Luís fez uma promessa à Maria

O Luís fez à Maria a promessa de voltar a Portugal

Este complemento não provém da redução de uma completiva:

A Maria fez ao João a maldade de partir

* A Maria fez ao João a maldade que ela parta

O João fez à Teresa a fineza de sair

* O João fez à Teresa a fineza de que ele parta

Por outro lado, este infinitivo não é conservado no *GN* =: *O N* de *NO Prep N1*, ao contrário do complemento a *N1*.

- * O favor do João de sair com ele [é simpático]
- * O seu favor de sair [é simpático]
- O favor do João ao Pedro [é simpático]

Atendendo às propriedades evidenciadas por estas construções, tivemos que distingui-las de outras, com a mesma estrutura, mas com propriedades diferentes e que não constam desta Tábua. Demos conta delas e das suas propriedades na Tábua F2.

3.4 Completivas

Nesta Tábua, F3, encontramos várias expressões que aceitam uma completiva (pontos 1.6, 1.6.1 e 1.6.2, cap.II), com o verbo no indicativo:

- O João fez à Maria a (jura + confiança) que estuda
- O Pedro fez ao Luís (o comentário + a queixa) que fuma

ou no conjuntivo:

- A Maria fez ao João (a sugestão + o apelo) que passeasse ⁽¹⁾
- O Luís fez à Teresa a (recomendação + súplica) que trabalhasse

Podemos reduzir a completiva a uma infinitiva, como em:

- O Pedro fez à Maria a confirmação de que vê

(1) Com a preposição para, a completiva é mais aceitável.

O Pedro fez à Maria a confirmação de ver

O Pedro fez à Maria a confirmação da sua, visão

O nome observação, embora morfologicamente ligado ao verbo Observar, não partilha com ele as mesmas propriedades sintácticas ⁽¹⁾. Assim, este nome aceita a construção completiva Que F enquanto que o verbo não:

* O João observa à Maria que está bonita ⁽²⁾

O João faz à Maria a observação de que está bonita

O João faz à Maria a observação de estar bonita

O João faz à Maria a observação da sua beleza

O nome advertência também aceita a completiva, a redução a uma construção infinitiva e a um grupo nominal:

O João faz à Maria a advertência que adia a sua partida

O João faz à Maria advertência de adiar a sua partida

O João faz à Maria a advertência do adiamento da sua partida

O verbo Advertir tem a estrutura: NO V NI e apresenta as mesmas propriedades, excepto a aceitação da infinitiva: _

O João adverte a Maria que adia a sua partida

O João adverte a Maria do adiamento da sua partida

* O João adverte a Maria de adiar a sua partida

(1) Trata-se de um nome autónomo e não de V-n. Na realidade, há aqui um caso de polissemia ou de homonímia. Observar pode significar, como neste exemplo, fazer uma observação a alguém (também pode ter outro sentido, na área da Medicina) ou pode ser sinónimo de Ver e não apresenta as propriedades aqui mencionadas.

O *N* reparo ⁽¹⁾, que não está ligado a nenhum verbo, também tem o mesmo comportamento:

A Maria faz ao João o reparo que (ele é descuidado + do seu descuido + de se descuidar)

Registamos ainda o *V-n* *queixa* ligado ao verbo pronominal *queixar-se*, ambos com todas estas propriedades:

A Maria *queixa-se* que o Pedro *ressona*
A Maria *queixa-se* do Pedro *ressonar*
A Maria *queixa-se* do *ressonar* do Pedro

A Maria faz a *queixa* que o Pedro *ressona*
A Maria faz a *queixa* de o Pedro *ressonar*
A Maria faz a *queixa* do *ressonar* do Pedro

Os nomes *elogio*, *crítica*, *censura*, aceitam a completiva *Que F* enquanto que os verbos que lhes correspondem, *Elogiar*, *Críticar*, *Censurar*, só aceitam a construção com a completiva *Que F* ou *Que Fconj* dependente do nome operador *facto*:

A Teresa (*elogia* + *critica* + *censura*) o *facto* de que a Maria esteja bonita
A Teresa faz à Maria o (a) (*elogio* + *crítica* + *censura*) de que está bonita

(1) Corresponde à expressão com *Vsup* =: *Fazer um reparo* e *fazer reparos* a *Nl*.

Quanto à redução da completiva a uma infinitiva e a um grupo nominal, são propriedades que também se registam:

A Teresa faz à Maria o (a) (elogio + crítica + censura) de estar bonita

A Teresa faz à Maria o (a) (elogio + crítica + censura) da sua beleza

O sujeito da infinitiva pode ter o mesmo referente que o de *Fazer* (ou do verbo correspondente a *Fazer V-n*) ou o do complemento a *Nhum*. Nestes caso, verifica-se uma ambiguidade, pois pode haver ou não a co-referência entre o sujeito da infinitiva e o sujeito do complemento a *Nhum*, dado que ambos os sujeitos pertencem ao mesmo género gramatical. Se os sujeitos forem de géneros diferentes já não se regista a ambiguidade referida:

O João fez à Maria o (a) (elogio + crítica + censura) de que está bonita

4. TÁBUA F4 : N0 FAZER Det N de N1

A elaboração desta Tábua foi a que colocou mais dificuldades pois os grupos N de N pertencem a campos semânticos bastante diversificados, por exemplo:

O João faz uma tradução dos seus romances
O General faz o reforço das tropas
A Maria faz a apologia da vida ao ar livre

Quando associados a um verbo os substantivos são realmente predicativos, o complemento de N1 corresponde ao complemento directo do verbo:

O João analisa o texto
O João faz a análise do texto

Os nomes agrupados em F4 possuem, tal como os anteriores, as propriedades sintácticas características das expressões com Vsup Fazer. Exemplificamos com a relação de NPred a N0:

O João fez a confirmação da viagem
O João fez a confirmação da Maria da viagem ⁽¹⁾

(1) Os complementos de N1 de frases como esta são equivalentes a por N1, tal como em: A Maria fez o trabalho do João = pelo João, em que o GN será: * O seu trabalho do João [é interminável].

Nesta Tábua, *N0* é sempre de tipo *Nhum* (não representado) e os complementos de *N1* são quase sempre de tipo *N-hum*:

O João fez os estatutos do condomínio

Além do que já referimos, os nomes de *F4* têm a peculiaridade de poderem incluir-se em dois tipos de grupos nominais com verbos muito diferentes:

O professor faz a chamada dos alunos

O *N* de *N0* de *N1* = *Poss0 N de N1* =:

[Todos ouviram] a sua ⁽¹⁾ chamada dos alunos

O *N* de *N1* (*E* + *por N0*) =:

[Todos ouviram] a chamada dos alunos pelo professor ⁽²⁾

Ao contrário do que acabámos de verificar, com *Fazer* e determinados outros verbos só é possível a combinação com o primeiro tipo de *GN* = : O *N* de *N0* de *N1* :

O professor faz (a chamada dos alunos + a sua chamada dos alunos) ⁽³⁾

* O professor faz a chamada dos alunos por alguém

(1) O *Poss0* =: sua =: do professor .

(2) Este *GN* deriva da forma com *Vsup* na passiva: a chamada dos alunos é feita pelo professor.

(3) Sua é obrigatoriamente co-referente a *N0* =: professor.

4.1 Frases simples ou frases complexas?

Visto que o nosso objecto de estudo é a combinação específica entre o verbo *Fazer* e um grupo nominal, o problema fundamental relativamente às expressões desta Tábua reside na distinção, no seu seio, entre as que são frases simples e as que são frases complexas. Na primeira das possibilidades, teríamos uma frase simples em que a preposição *de* é um marcador de argumento, e *N1* é um argumento do elemento predicativo *N* ⁽¹⁾. Na segunda das possibilidades, o argumento *de N1* resulta da redução de uma frase contida numa frase complexa onde existem dois predicados ligados por relativização:

A Maria faz o programa da festa

= A Maria faz o programa que a festa tem

A primeira frase terá dois predicados:

A Maria faz um programa

e

Esta festa tem um programa

(1) Esta questão resume-se à problemática dos complementos de *N* à direita de um nome ou "complementos de nome", da gramática tradicional.

4.1.1 Critérios de distinção entre frases simples e frases complexas

Os critérios que serviram de base à distinção entre as frases simples e as frases complexas, e que estão, portanto, na base da classificação das expressões desta Tábua foram os seguintes:

1. Possibilidade de existência de uma forma sem complemento de *N1*:

N0 faz Det *N* =:

A Maria faz um catálogo

2. Relação entre *N1* e *N* através de uma frase com verbo-suporte, em que existe compatibilidade de sentido entre esta frase e a expressão *Fazer N* :

N1 *Vsup* Det *N* =:

Os livros têm um catálogo

3. Formação de *GN* independentes por redução de *Vsup* :

O *N* de *N0* de *N1* =:

O catálogo dos livros da Maria [é muito completo]

ou:

Poss0 N de N1 =:

O seu catálogo dos livros [é muito completo]

4. GN interpretados como genitivos objectivos:

O N de N1 (E + por N0) =:

O catálogo dos livros (E + pela Maria) [é muito completo]

A frase:

A Maria reprovou a bofetada da Teresa ao Pedro

decompõe-se em duas frases simples: *N0 V Det N =:* A Maria reprovou uma bofetada e *N1 Vsup N a N2 =:* a Teresa deu essa bofetada ao Pedro.

Neste caso temos um complemento designado por genitivo subjectivo, que se refere ao sujeito do *Vsup* subjacente. Para o estudo que estamos a fazer, o importante são os genitivos objectivos, respeitantes às expressões de que nos ocupamos. Assim, na frase:

A Maria resume o discurso

= A Maria faz um resumo deste discurso

o complemento de *N1* corresponde ao complemento directo do verbo *resumir*, que aparece no GN com complemento de agente:

O resumo deste discurso pela Maria [é demasiado sintético]

Temos ainda outras propriedades sintácticas aplicáveis a estas expressões como a extracção de *de N1* ou de *Det N de N1*, referentes à possibilidade da dupla análise a que já nos referimos :

Os esquiadores fazem a descida da montanha

* É da montanha que os esquiadores fazem a descida

Os guarda-costas fazem a segurança dos ministros

* É dos ministros que os guarda-costas fazem a segurança

Com os *V-n* este problema é de mais fácil resolução, na medida em que, os substantivos associados a um verbo são predicados :

O arquitecto aprovou o projecto

O arquitecto fez a aprovação do projecto

A Maria adoptou uma criança

A Maria fez a adopção de uma criança

Existem casos em que é fácil verificar se estamos perante uma frase simples, em que *de N1* é o segundo argumento de *N*, o predicado, e *de* um marcador de argumento no quadro teórico de Harris (1974). Assim, não é possível existirem duas frases ligadas por relativização onde opera a regra [*Red Vsup*]: que *Vsup = de*, nas expressões em que não existe a forma simples *N0* faz *Det N* :

Os professores fazem (o + um) balanço das actividades lectivas

* Os professores fazem um balanço (E + * positivo)⁽¹⁾

(1) A expressão *fazer um balanço* existe mas com outro sentido, o de movimento corporal, correspondente ao verbo *balançar* ou *balançar-se*.

Há outras expressões em que o argumento de *N1* é obrigatório como, por exemplo, em:

A Maria faz um uso abusivo de metáforas

* A Maria faz um uso abusivo

O Luís faz a realização do filme

* O Luís faz a realização

Mas o mesmo não se verifica em:

O Pedro faz uma gravação da conferência

O Pedro faz uma gravação

O João faz o câmbio do dinheiro

O João faz um câmbio

No que diz respeito às frases decomponíveis em dois predicados, trata-se de expressões que não originam o *GN* =: *O N* de *N0* de *N1* obtido por redução de relativa. É o caso de:

O técnico faz a calafetação da sala

* A sua calafetação da sala [demorou muito tempo]

Este tipo de expressão é formalmente igual às expressões *Fazer N* objecto do nosso estudo. Por outro lado, a existência de uma forma *N0* faz um *N* reforça a possibilidade de o complemento de *N1* poder

ser originado pela redução de uma relativa:

O técnico faz uma calafetação

Além disto, existe entre $N1$ e N uma relação formulável por uma forma com V_{sup} Ter :

A sala tem uma calafetação

Assim, existe a possibilidade de relativização:

O técnico faz a calafetação da sala

= O técnico faz a calafetação que esta sala tem ⁽¹⁾

É ainda particularidade deste tipo de construção o facto de aceitar um complemento a $N1$, de que resulta uma forma semanticamente próxima da anterior:

O técnico faz uma calafetação a esta sala

o que não acontece com as expressões que constam da Tábua F4:

O camionista faz o transporte dos passageiros

* O camionista faz o transporte aos passageiros

Do que ficou exposto parece-nos poder sugerir que, nestes casos, o verbo *Fazer* é um verbo pleno e não um verbo-suporte.

Ainda em relação às expressões agrupadas nesta Tábua e, como já referimos, algumas têm uma forma equivalente em Ter. É o caso de:

(1) O determinante de N é obrigatoriamente o artigo definido, que antecede as relativas determinativas, o que legitima esta análise.

O João faz o programa da festa

A festa tem um programa

A Maria faz a história da revolução

A revolução tem uma história

O Pedro faz o plano da escola

A escola tem um plano

A estrutura destas frases parece sugerir a sua decomposição em duas frases com dois predicados ligadas por relativização:

A Maria faz uma história

A revolução tem uma história

A Maria faz a história que a revolução tem

Semanticamente algumas destas frases em *Ter* são ambíguas.

O método dos *Vsup* permite distinguir os diferentes sentidos das palavras. Assim, *a revolução tem uma história* significa que tem uma história real, houve uma série de acontecimentos que caracterizaram a revolução; por outro lado, *fazer uma história* é escrever um texto, seguindo um determinado estilo.

5. TÁBUA F5 : NO FAZER C

Nesta Tábua encontramos expressões com sujeito humano e sujeito não humano, predominando o primeiro tipo. Registamos ainda alguns casos em que o nome pode ser Nnr:

(Essa afirmação + que exijas trabalhar) faz sentido

(A Maria + aquele remédio + teres voltado) fez maravilhas

Os determinantes são fixos =: *E, Poss0, o*, embora o determinante que apareça com maior número de nomes seja o primeiro (*E*). Vejamos alguns exemplos:

O João faz gazeta

A Maria faz cera

O menino faz beicinho

O Pedro faz o seu dever

O bebé faz as suas necessidades

O João faz o diabo a quatro

Tal como nas outras Tábuas, também nesta Tábua encontramos nomes com duas entradas, correspondentes a dois sentidos distintos e com determinantes diferentes, alguns dos quais já referidos no nosso trabalho:

O João faz exercício

Os soldados fazem o exercício

A Maria faz a vida

A Maria faz a sua vida

Não fizemos separação entre os nomes simples (como *beicinho*) e os nomes compostos (como *o diabo a quatro*, *o gosto ao dedo*, *acto de presença*) pois o número reduzido de expressões que agrupámos nesta e nas Tábuas que se seguem não o justificava.

Como é óbvio, pelo facto de não admitirem o determinante indefinido livre estas expressões não apresentam as propriedades sintácticas das expressões *Fazer N* em que *N* é livre. É exemplo disso a relativização subjacente à formação de *GN* independente:

O menino faz *beicinho*

* O *beicinho* que o menino faz [irrita a mãe]

Registamos poucos casos em que é possível a formação do *GN* =: *O N*, como:

O João faz o (bem + mal)

O (bem + mal) que o João faz [preocupa a Maria]

O Luís faz abstinência

A abstinência que o Luís faz [é confrangedora]

Os soldados fazem o exercício

O exercício dos soldados [é duro]

6. TÁBUA F6 : N0 FAZER C Prep N1

Esta Tábua agrupa expressões com a preposição *de, com, Loc, sobre, em*. N0 e N1 são de tipo humano e de tipo não humano. Os nomes do primeiro tipo predominam sobre os do segundo tipo. Também registamos poucos casos de Nnr, como por exemplo:

(O João + o espectáculo + teres ganho a corrida) fez sensação no bar
(O João + este tipo de filme + fugir aos problemas) faz o género da Maria

Os determinantes são Det =: o, Det=: E :

O João faz coro com as raparigas
A Maria faz fogo sobre o Pedro
O pai faz os caprichos da filha
Essa afirmação fez furor na Assembleia
O Luís fez fé na afirmação da Maria

À semelhança do que verificámos na análise dos N livres, também aqui encontramos expressões simétricas como:

A Teresa faz amor com o Pedro
= A Teresa e o Pedro fazem amor (um com o outro)

ou

O João faz equipa com os rapazes
= O João e os rapazes fazem equipa (uns com os outros)

Tal como registámos na Tábua *F1*, em que existia alternância entre o complemento de *N1* e a *N1*, também aqui encontramos esta alternância no seguinte exemplo, não havendo alteração de sentido:

O pai faz (as vontades + os caprichos) da filha
= O pai faz (as vontades + os caprichos) à filha

7. TÁBUA F7 : N0 FAZER C a N1

Encontramos nesta Tábua expressões como:

- A atitude da Maria faz jus às suas qualidades
- O João faz face aos problemas
- O ciúme do marido faz a vida negra à Maria
- A falta de dinheiro faz obstáculo à felicidade do Pedro
- A Teresa faz má cara aos vizinhos
- O João fez as honras da casa ao Luís
- O Pedro fez ouvidos de mercador às súplicas da Teresa

Como verificamos, N0 é de tipo *Nhum* e de tipo *N-hum*, tal como nas anteriores Tábuas de expressões com elementos fixos, assim como os complementos a N1.

Como também já referimos em relação às anteriores Tábuas, surgem aqui nomes compostos, como *má cara*, ou *vista grossa* com modificadores adjectivais.

Os determinantes são, à semelhança dos determinantes encontrados nas duas Tábuas que acabámos de analisar, predominantemente *E* mas também encontramos *as*. Com nomes como *as honras da casa*, o plural é obrigatório pois no singular a expressão tem um valor diferente:

- O João fez honras (à Maria + à comida da Maria)
- O sucesso do filho faz honra ao pai

CONCLUSÃO

O objectivo que nos propusemos atingir no início deste estudo era o de reunir e analisar o mais exhaustivamente possível construções nominais predicativas com o verbo-suporte *Fazer*. Pensamos ter reunido um número significativo dos nomes que são passíveis de se construírem com este verbo-suporte e pensamos ter explorado as propriedades lexicais e sintácticas que esse tipo de construção possui, assim como algumas propriedades transformacionais, a que nos fomos referindo ao longo da nossa exposição.

Para tal, foi necessário explicitar a noção teórica de verbo-suporte e adoptar uma metodologia que nos permitisse dar conta das expressões *Fazer N* que recenseámos. Pensamos que o quadro teórico subjacente a este estudo satisfaz plenamente os nossos propósitos, tanto mais que permite o acréscimo, sempre que necessário, de outras construções nominais predicativas às que aqui analisámos, e que proliferam na nossa língua em larga escala.

Confirmámos o que no início colocámos como hipótese. De facto, estas expressões são comparáveis às construções verbais e adjectivais: analisámos os seus sujeitos e complementos, os argumentos de *N*, livres do ponto de vista lexical. Tal como com as construções verbais, os complementos preposicionais, nomeadamente os complementos locativos e as expressões simétricas, colocam problemas de análise que foi necessário explorar, bem como a alternância entre os complementos de *Nhum* e a *Nhum*. Julgamos ter contribuído para a explicitação do uso das preposições com estas expressões, o que poderá ter aplicações no âmbito do ensino da língua portuguesa a estrangeiros.

Também analisámos propriedades idiossincráticas das expressões com verbo-suporte, especificamente com *Vsup Fazer*, como as restrições sobre os determinantes de *N* e os modificadores, pois delas depende a existência de algumas propriedades sintácticas das expressões. Foi, aliás, o critério da aceitação de *Det =:um* que norteou a classificação dos nomes em *N* livres e *N* não livres e que esteve na base da distinção entre as expressões com *Vsup Fazer* e as "expressões com elementos fixos". Procurámos igualmente destrinçar estas expressões das "expressões idiomáticas".

A problemática questão dos complementos de *N1* foi abordada, na tentativa de distinguir os complementos que são argumentos do predicado nominal *N* e os que são originários da redução de uma relativa no quadro de uma frase complexa.

A dupla análise e a propriedade de, através da operação de redução de relativa, obtermos grupos nominais complexos foram igualmente objecto de estudo.

Pensamos ter dado um pequeno contributo para a Lexicografia, ao abordarmos a questão da polissemia de *N* e as relações entre *V-n* e construção verbal, apesar de não termos estabelecido essas relações de forma sistemática. Como vimos, alguns dos nomes aqui analisados constituem não só uma mas, por vezes, várias entradas lexicais distintas o que nos levou ao seu desdobramento e à sua inserção em classes sintácticas diferentes. Os vários sentidos das palavras podem, pois, ser explicitados com a ajuda do conceito de verbo-suporte, não isoladamente, mas no seu contexto sintáctico. Este procedimento radica na perspectiva harrissiana de que semântica e sintaxe não são dois conjuntos separados da língua.

Também a distinção entre o emprego metafórico e o emprego concreto dos nomes foi afluada. Um estudo aprofundado desta questão levará também ao problema dos níveis de língua que, por sua vez, terá repercussões no âmbito da didáctica do português língua materna e como segunda língua.

Estamos conscientes de que muito mais haverá a estudar em relação às expressões *Fazer N*, como por exemplo a distinção entre estas e as que não possuem propriedades de predicados nominais com *Fazer*, em que este verbo é operador causativo sobre formas em *Ter*, *Haver* e *Ser*, a que nos referimos sucintamente.

Decerto ficaram por abordar muitos outros aspectos relacionados com as expressões *Fazer N* que escaparam à nossa análise ou sobre os quais não nos pudemos debruçar, dadas as limitações de vária ordem com que nos confrontámos.

Apesar do muito que ficou por estudar, pensamos ter dado o nosso modesto contributo para a elaboração de um léxico-gramática do português.

BIBLIOGRAFIA

Arruda, Lúgia M. de Melo (1987), Contribuição para o estudo das nominalizações com o verbo suporte Ter, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Boons, Jean-Paul, Alain Guillet, Christian Leclère (1976), La structure des phrases simples en français. I. Constructions Intransitives, Genève, Droz.

Borillo, Andrée (1971), "Remarques sur les verbes symétriques français", Langue Française, 11, Paris, Larousse, p. 17-32.

Busse, Winfried e M. Vilela (1986), Gramática de Valências, Coimbra, Livraria Almedina.

Chomsky, Noam (1970), "Remarks on nominalizations", (1972) Studies on semantics in generative grammar, The Hague, Mouton & Co. Tradução Francesa (1975) Questions de Sémantique, Paris, Editions du Seuil.

Corbin, Danielle (1987), Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique, vol.I e II, LA, Tübingen, Niemeyer.

Cunha, Celso e L. F. Lindley Cintra (1987), Nova Gramática do Português Contemporâneo, Lisboa, Edições Sá da Costa.

Danlos, Laurence (1981), "La morphosyntaxe des expressions figées", Langages, 63, Paris, Larousse, p.53-74.

Danlos, Laurence (1986), "Une illustration d'étude formelle des noms: Charg (-e,-er,-ement)", Langue Française, 69, Paris, Larousse, p.28-48.

Dubois, Jean (1969), Grammaire structurale du français: la phrase et les transformations, Paris, Larousse.

Dubois, Jean (1967), Grammaire structurale du français : le verbe, Paris, Larousse.

Fonseca, Joaquim (1984), "Verbos simétricos", Boletim de Filologia, XXIX, vol.II, Lisboa, INIC, p.383-403.

Giry, Jacqueline (1971), "Remarques sur un emploi du verbe *faire* comme opérateur", Langue Française, 11, Paris, Larousse, p.39-45.

Giry-Schneider, Jacqueline (1974), "Syntaxe et lexique: *blessure, noeud, caresse...*", Rohrer, C. e N. Ruwet, Actes du Colloque Franco-Allemand de Grammaire Transformationnelle, II, Etudes de Sémantique et autres, 14, Niemeyer, p.87-102.

Giry-Schneider, Jacqueline (1978a), Les nominalisations en français. L'opérateur Faire dans le lexique, Genève, Droz.

Giry-Schneider, Jacqueline (1978b), "Interprétation aspectuelle des constructions à double analyse", Linguisticae Investigationes, II: 1, Amsterdam, John Benjamins B.V., p. 23-53.

Giry-Schneider, Jacqueline (1981), "Les compléments nominaux du verbe Dire, (Reconstruction de leur forme prédicative sousjacente)", Langages, 63, Paris, Larousse, p. 75-97.

Giry-Schneider, Jacqueline (1986), "Les noms construits avec faire: compléments ou prédicats?", Langue Française, 69, Paris, Larousse, p. 49-63.

Giry-Schneider, Jacqueline (1987), Les prédicats nominaux en français. Les phrases simples à verbe support, Genève, Droz.

Gross, Gaston e R. Vivés (1986), "Les constructions nominales et l'élaboration d'un lexique-grammaire", Langue Française, 69, Paris, Larousse, p. 5-27.

Gross, Maurice (1968), Grammaire transformationnelle du français. Syntaxe du verbe, Larousse, Paris

Gross, Maurice (1975), Méthodes en Syntaxe, Paris, Hermann.

Gross, Maurice (1977), Grammaire transformationnelle du français. Syntaxe du nom, Paris, Larousse.

Gross, Maurice (1981), "Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique", Langages, 63, Paris, Larousse, p. 7-52.

Gross, Maurice (1981), "Sur les déterminants dans les expressions figées", Langages, 79, Paris, Larousse, p.89-118.

Gross, Maurice (1986), "Les nominalisations d'expressions figées", Langue Française, 69, Paris, Larousse, p.64-84.

Guillet, Alain e Ch. Leclère (1981), "Restructuration du groupe nominal", Langages, 63, Paris, Larousse, p.99-125.

Guillet, Alain (1986), "Représentation des distributions dans un lexique-grammaire", Langue Française, 69, Paris, Larousse, p.85-107.

Harris, Zellig S.(1971), Structures mathématiques du langage, Dunod, Paris. Trad. Mathematical structures of language (1968), New York, Wiley.

Harris, Zellig S. (1976), Notes du cours de syntaxe, Paris, Editions du Seuil.

Harris, Zellig S. (1981), Papers on syntax, Dordrecht, D. Reidel Publishing Company.

Labelle, Jacques (1983), "Verbes supports et opérateurs dans les constructions en Avoir à un ou deux compléments" Linguisticae Investigationes, VII: 2, Amsterdam, John Benjamins B.V., p. 237-260.

Labelle, Jacques (1986), "Grammaire des noms de maladie", Langue Française, 69, Paris, Larousse, p. 108-125.

Leclère, Christian (1971), "Remarques sur les substantifs opérateurs", Langue Française, 11, Paris, Larousse, p. 61-76.

Macedo Oliveira, M. Elisa de (1981), "Les structures de complétives du portugais", Linguisticae Investigationes, V:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., p. 91-136.

Macedo Oliveira, M. Elisa de (1984), Syntaxe des verbes psychologiques du portugais, Lisboa, INIC.

Macedo Oliveira, M. Elisa de (1984), "La nominalisation en V-n -dela du portugais", Linguisticae Investigationes, VIII:1, Amsterdam, John Benjamins, B.V., p. 117-134.

Macedo, M. Elisa (1987), Construções transitivas locativas, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, INIC.

Malaca Casteleiro, João (1981), Syntaxe Transformacional do Adjectivo, Lisboa, INIC.

Mira Mateus, M. Helena e Ana Maria Brito, Inês Silva Duarte, Isabel Hub Faria (1983), Gramática da Língua Portuguesa, Coimbra, Livraria Almedina.

Peres, João Andrade (1984), Elementos para uma gramática nova, Coimbra, Livraria Almedina.

Ranchhod, Elisabete (1983), "On the support verbs ser and estar in Portuguese", Linguisticae Investigationes, VII:2, Amsterdam, John Benjamins, B.V., p. 317-353.

Ranchhod, Elisabete (1988), Construções nominais com verbo suporte Estar. Nominalizações e nomes autónomos, Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa.

Ranchhod, Elisabete (1989), "Lexique-grammaire du portugais: prédicats nominaux supportés par Estar", Linguisticae Investigationes, XIII: 2, Amsterdam, John Benjamins B.V., p.351-367.

Willems, Dominique (1979), "Syntaxe, morphosyntaxe et sémantique. Les verbes dérivés", Cahiers de Lexicologie, vol. XXXV-II, p.3-25.

Willems, Dominique (1981), Syntaxe, lexique et sémantique. Les constructions verbales, Gent, Blandijnberg.

Vaza, Aldina C.F. Rocha da (1988), Estruturas com nomes predicativos e o verbo suporte Dar, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

DICIONÁRIOS:

Almeida Costa, J. e A. Sampaio e Melo (1986), Dicionário da Língua Portuguesa, 6ª ed., Porto, Porto Editora, Lda.

Borba, F. da Silva (1990), Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil, São Paulo, Editora Unesp.

Fernandes, Francisco, Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos, 19ª ed., Porto Alegre, Editora Globo.

Fernandes, Francisco (1974), Dicionário de verbos e regimes, 4ª ed., Porto Alegre, Editora Globo.

Morais e Silva, A., (1953), Grande Dicionário da Língua Portuguesa, vol.V, 10ª edição, Lisboa, Editorial Confluência Lda.

ANEXOS

TÁBUA FI :
NO FAZER Det N

NO			N	Det					NO FAZER	de N hum = : a N hum
NO = : N h r r M	NO = : N . h r r M	NO = : N r r r		Det = : u m	Det = : u m - M o d i f	Det = : E	Det = : P i	Det = : e s p e c i f i c o		
+	-	-	aberração	+	+	-	+	-	+	-
+	-	-	abstinência	-	+	+	-	E	+	-
+	-	-	actividade	-	+	-	+	Poss0	+	-
+	-	-	acto	-	+	-	+	-	+	-
+	-	-	acto de contrição	-	+	-	-	o	-	-
+	+	-	advento	-	+	-	-	Poss0	-	-
+	+	-	aparição	-	+	-	-	Poss0	-	-
+	+	+	barulho	-	+	+	+	-	-	-
+	-	-	besteira	+	+	+	+	-	+	-
+	-	-	birra	+	+	+	+	-	+	-
+	+	-	cabriolas	-	+	-	+	-	-	-
+	+	-	chegada	-	+	-	-	Poss0	-	-
+	-	-	compra	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	compras	+	+	+	+	Poss0	-	+
+	-	-	conquista	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	conta	+	+	-	+	-	-	+
+	-	-	contas	+	+	-	+	Poss0	-	+
+	-	-	contravenção	+	+	-	+	-	+	-
+	+	+	controvérsia	-	+	+	-	-	-	-
+	-	-	conversão	-	+	-	-	Poss0	-	-
+	-	-	correspondência	-	+	-	-	Poss0	-	+
+	-	-	corrida	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	crime	+	+	-	+	-	+	-
+	-	-	crítica	-	+	+	-	-	-	-
-	+	-	curva	+	+	+	+	-	-	-
+	-	-	curva	+	+	-	-	-	-	-
+	-	-	delito	+	+	-	+	-	+	-
+	-	-	depósito	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	desfalque	+	+	+	+	-	-	-
+	-	-	deslize	+	+	-	-	-	+	-
+	+	+	desordem	+	+	-	+	-	-	-
+	+	-	despesa	+	+	+	+	Poss0	-	-
+	-	-	desporto	-	+	+	-	-	-	-
+	+	-	desvio	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	dever	+	+	-	-	Poss0	+	-
+	-	-	deveres	-	+	-	+	Poss0	-	+
-	+	-	diminuição	-	+	-	-	Poss0	-	-

TÁBUA FI :
NO FAZER Det N

NO			N	Det					NO FAZER	de Nhum
NO	NO	NO		Det	Det	Det	Det	Det		
==	==	==		=	=	=	=	=		
NUM	NUM	NUM		um	um-Modif	E	Pl	específico	de Nhum	
+	+	+	dinheiro	-	+	+	-	-	-	
+	+	-	disparate	+	+	+	+	-	+	
+	-	-	ditado	+	+	-	+	-	+	
+	-	-	dívida	+	+	-	+	-	-	
+	-	-	doidice	+	+	-	+	-	+	
+	-	-	drama	+	+	-	-	-	+	
+	-	-	economia	-	+	+	-	-	-	
+	-	-	economias	+	+	-	+	Poss0	-	
+	+	-	entrada	-	+	-	-	Poss0	-	
+	-	-	erro	+	+	-	+	-	+	
+	+	-	esforço	+	+	+	+	Poss0	+	
+	+	-	estrago	+	+	+	+	-	-	
+	+	-	estreia	-	+	+	-	Poss0	-	
+	+	-	evolução	-	+	-	-	Poss0	-	
+	-	-	excesso	+	+	-	+	-	+	
+	-	-	exercício	+	+	-	+	-	+	
+	-	-	exercício	+	+	+	+	Poss0	-	
+	+	-	êxito	-	+	+	-	-	-	
+	-	-	experiência	+	+	-	+	-	+	
+	-	-	exploração	+	+	-	+	-	-	
-	+	-	explosão	+	+	+	-	-	-	
+	-	-	façanha	+	+	-	+	-	+	
+	-	-	faina	-	+	-	-	Poss0	+	
+	-	-	feitçaria	+	+	+	+	-	+	
+	-	-	feito	+	+	-	+	-	+	
+	-	-	festa	+	+	-	+	-	-	
+	-	-	festejo	+	+	-	+	-	-	
+	-	-	flexões	+	+	-	+	-	-	
+	-	-	folga	+	+	+	+	Poss0	-	
-	+	-	folga	+	+	+	+	-	-	
+	+	-	força	-	+	+	-	-	+	
+	-	-	fortuna	-	+	+	-	Poss0	-	
+	-	-	fraude	+	+	-	+	-	+	
+	-	-	frequência	+	+	-	+	-	-	
+	-	-	gastos	+	+	-	+	Poss0	-	
+	-	-	gesto	+	+	-	+	-	+	
+	-	-	greve	+	+	+	+	-	-	

TÁBUA FI :
NO FAZER Det N

NO			N	Det					NO FAZER	de Nhum = : a Nhum
NO = : Nhum	NO = : Nhum	NO = : Nnr		Det = : um	Det = : um - Modif	Det = : E	Det = : Pl	Det = : específico		
+	-	-	habilidades	+	+	-	+	Poss0	+	-
+	-	-	história	+	+	+	+	-	-	-
+	-	-	imprudência	+	+	-	+	-	+	-
+	-	-	incorecção	+	+	-	+	-	+	-
+	-	-	intriga	+	+	-	+	-	+	-
+	-	-	jejum	-	+	+	-	-	-	-
+	-	-	lamentação	-	+	-	+	Poss0	-	-
+	-	-	livro	+	+	-	-	-	-	-
+	-	-	loucura	+	+	-	+	-	+	-
+	-	-	malha	-	+	+	-	-	-	-
+	-	-	música	+	+	+	+	-	-	-
+	-	-	novena	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	noviciado	-	+	-	-	Poss0	-	-
+	-	-	obrigação	+	-	-	-	Poss0	+	-
+	-	-	oração	+	+	-	+	Poss0	-	-
+	+	-	oscilação	+	+	+	+	-	-	-
+	-	-	paralização	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	pausa	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	pecado	+	+	-	+	-	+	-
+	-	-	penitência	-	+	+	+	-	+	-
+	-	-	plano	+	+	-	+	-	+	-
+	-	-	política	-	+	+	-	Poss0	-	-
+	-	-	pose	+	+	+	-	-	-	-
+	-	-	poupança	-	+	+	+	Poss0	-	-
+	-	-	pranto	+	+	-	+	Poss0	-	-
+	-	-	problema	+	+	-	+	-	-	+
+	-	-	prodígio	+	+	-	+	-	+	-
+	-	-	profecia	+	+	-	+	-	-	-
+	+	-	progressão	-	+	-	-	Poss0	-	-
+	+	-	progressos	-	+	-	+	-	+	-
+	-	-	prova	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	regime	+	+	+	+	-	-	-
+	-	-	renda	+	+	+	+	-	-	-
+	-	-	retratação	-	+	-	-	Poss0	-	-
+	+	-	reviravolta	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	sacrifício	+	+	+	+	-	+	-
+	+	-	salto	+	+	-	+	-	-	-

TÁBUA F1 :
NO FAZER Det N

NO			N	Det					NO FAZER	de Nhum = : a Nhum
NO = : Nhum	NO = : Nhum	NO = : Nnr		Det = : um	Det = : um - Modif	Det = : E	Det = : Pl	Det = : específico		
+	-	-	salto	-	+	+	-	-	-	-
+	-	-	sesta	+	+	-	-	Poss0	-	-
+	-	-	sinal da cruz	-	+	-	-	o	-	-
+	+	+	sucesso	-	+	+	-	-	-	-
+	-	-	tarefa	-	+	-	+	Poss0	+	+
+	-	-	tentativa	-	+	-	+	-	+	-
+	-	-	tese	+	+	-	-	-	-	-
+	-	-	trabalho	+	+	-	+	Poss0	-	+
+	-	-	trapaças	-	+	-	+	-	+	-
+	-	-	treino	+	+	-	+	Poss0	-	-
+	-	-	tricot	-	+	+	-	-	-	-
+	-	-	variedades	+	+	-	+	-	-	-
+	-	-	viagem	+	+	-	+	-	-	-

TÁBUA F2 :
 NO FAZER Det N (E + Prep N1)

NO		N	Det					Prep	N1		NO	GN = : ON	Vcomp	
NO = : Nhum	NO = : Nhum		Det = : um	Det = : um - Modif	Det = : E	Det = : o	Det = : Pl		Det = : específico	N1 = : Nhum				N1 = : Nhum
+	-	acordo	+	+	-	+	+	-	com	+	-	+	+	+
+	-	adesão	-	+	-	-	-	Poss0	a	-	+	-	+	-
+	+	aflição	-	+	+	-	-	-	a	+	-	-	-	-
+	-	aliança	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	alusão	+	+	+	+	+	-	a	+	+	-	-	+
+	-	amizade	-	+	+	-	+	Poss0	com	+	-	+	+	-
+	-	analogia	+	+	-	-	+	-	entre	-	+	-	-	+
+	-	anotação	+	+	-	+	+	-	Loc	-	+	-	-	-
+	+	aparição	+	+	-	-	-	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	-	aposta	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	+	+
+	-	apreciação	+	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
-	+	arrancada	+	+	-	-	-	-	contra	+	-	-	-	-
-	+	arremetida	+	+	-	-	+	Poss0	contra	+	+	-	-	-
+	-	artigo	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	artimanha	+	+	-	+	+	-	contra	+	-	-	-	+
+	-	assalto	+	+	-	-	+	-	a	+	+	-	-	-
+	-	associação	+	+	-	-	-	Poss0	com	+	-	+	+	-
+	-	atalho	+	+	+	-	-	-	Loc	-	+	-	-	-
+	-	atenção	-	+	+	-	-	E	a	+	+	-	-	-
+	+	avanço	+	+	-	-	+	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	-	averiguação	+	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	+	barreira	+	+	+	-	-	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	batalha	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	+	batida	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	bordado	+	+	-	-	+	-	Loc	-	+	-	-	-
+	+	briga	+	+	-	-	+	-	com	+	+	+	+	-
+	+	briga	+	+	-	-	+	-	com	+	+	-	-	-
+	+	busca	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	cabala	+	+	-	-	+	-	contra	+	-	-	-	-
+	-	caldeamento	+	+	-	+	-	-	entre	+	+	-	+	-
+	-	calúnia	+	+	-	+	+	-	contra	+	+	-	-	+
+	-	camaradagem	-	+	+	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	-	caminhada	+	+	-	-	+	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	+	caminho	-	+	-	-	-	Poss0	por	+	+	-	-	-
+	-	campanha	+	+	+	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	casamento	-	+	-	-	-	Poss0	com	+	-	+	+	-
+	+	cercos	+	+	-	-	-	-	a	+	+	-	-	-

TÁBUA F2 :
 NO FAZER Det N (E + Prep N1)

NO		N	Det					Prep	N1		No e N1 fazem Det N	GN = : ON entre N1 e N2	Vcomp	
NO	NO		Det = : um B	Det = : um - Modif	Det = : E	Det = : o	Det = : Pl		Det = : especifico	N1 = : Nhum				N1 = : N - Nhum
+	-	cerimónia	+	+	+	-	-	-	com	+	-	-	-	-
+	-	coabitação	-	+	+	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	-	colaboração	-	+	+	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	-	coligação	+	+	-	-	-	Poss0	com	+	+	-	-	-
+	+	colisão	+	+	+	-	-	-	com	+	+	-	-	-
+	-	colóquio	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	+	combate	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	+	+	+
+	-	combinação	+	+	-	+	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	combinação	+	+	-	-	+	-	entre	+	+	-	+	-
+	-	comentário	+	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	-	comércio	-	+	+	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	-	comício	+	+	-	-	+	-	Loc	-	+	-	-	-
+	-	comício	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	compadrio	+	+	+	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	-	comparação	+	+	-	-	+	-	entre	+	+	-	-	-
+	-	competição	+	+	-	-	-	-	com	+	-	-	-	-
+	+	compressão	-	+	+	-	-	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	compromisso	+	+	-	-	+	-	com	+	-	-	-	+
+	-	comutação	+	+	-	-	+	-	entre	+	+	-	+	-
+	-	concentração	+	+	-	-	-	-	Loc	-	+	-	-	-
+	-	conciliação	-	+	-	+	-	-	entre	-	+	-	+	-
+	-	concordância	+	-	+	+	-	-	entre	-	+	-	+	-
+	-	concubinato	-	+	+	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	+	conexão	+	+	-	-	+	-	entre	+	+	-	+	-
-	+	conexão	+	+	+	-	+	E	com	-	+	-	+	-
+	-	confederação	+	+	-	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	-	conflito	+	+	-	-	+	-	com	+	-	-	+	-
+	-	confraternização	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	confronto	+	+	-	+	-	-	entre	-	+	-	+	-
+	-	confusão	+	+	+	-	+	-	entre	+	+	-	+	-
+	-	convivência	-	+	+	-	-	E	com	+	-	+	+	-
+	-	conjectura	+	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	+	conjunto	-	+	+	-	-	-	com	+	+	-	-	-
+	-	conjuração	+	-	-	+	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	conluio	+	+	+	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	-	considerações	-	+	+	-	+	Poss0	sobre	+	+	-	-	-
+	-	consórcio	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	+	-

TÁBUA F2 :
NO FAZER Det N (E + Prep N1)

NO		N	Det					Prep	N1		No e N1 fazem Det N	GN = : O N entre N1 e N2	Vcomp	
NO = : N h u m	NO = : N h u m		Det = : u m	Det = : u m - M o d i f	Det = : E	Det = : o	Det = : P l		Det = : e s p e c í f i c o	N1 = : N h u m				N1 = : N h u m
+	-	conspiração	+	+	-	-	+	-	contra	+	-	-	-	-
+	-	contacto	-	+	+	-	+	-	com	+	+	-	+	-
+	-	contracção	+	+	-	+	-	a	entre	-	+	-	+	-
+	+	contraste	-	+	+	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	-	contrato	+	+	+	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	convenção	+	+	-	-	+	-	com	+	-	-	-	-
+	-	convívio	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	+	-
+	-	convívio	+	+	-	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	-	cooperação	-	+	+	-	-	-	com	+	-	-	-	-
+	-	correlação	+	+	-	+	-	-	entre	+	+	-	+	-
+	+	correria	-	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	cruzada	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	cruzada	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	-	-
+	-	cruzamento	+	+	-	-	+	-	entre	-	+	-	+	-
+	+	cruzamento	+	+	-	-	+	-	Loc	-	+	-	-	-
+	-	debate	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	declaração	+	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	-	delação	-	+	+	-	-	-	contra	+	-	-	-	-
+	-	deliberação	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	depósito	+	+	-	-	+	-	Loc	-	+	-	-	-
+	-	derrogação	+	+	-	-	+	-	a	-	+	-	-	-
+	-	desacato	+	+	+	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	desafio de futebol	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	descida	+	+	-	-	-	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	-	desembarque	+	+	+	-	-	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	-	despique	+	+	+	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	desvio	+	+	-	-	+	-	por	+	+	-	-	-
-	+	desvio	+	+	-	-	-	-	Loc	-	+	-	+	-
+	-	dicotomia	+	+	-	+	-	-	entre	-	+	-	-	-
+	-	diferenciação	+	+	+	+	+	-	entre	+	+	-	-	-
+	-	discriminação	+	+	+	+	-	-	entre	+	+	-	-	-
+	-	dissertação	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	+	distância	-	+	-	+	-	a	entre	+	+	-	+	-
+	-	distinção	+	+	-	+	-	-	entre	+	+	-	-	-
+	-	divagação	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	editorial	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
-	+	efeito	-	+	+	-	+	Poss0	sobre	+	+	-	-	-

TÁBUA F2 :
NO FAZER Det N (E + Prep N1)

NO		N	Det					Prep	N1		No e N1 fazem Det N	GN = : ON entre N1 e N2	Vcomp	
NO = : Nhum	NO = : N-hum		Det = : um	Det = : um - Modif	Det = : E	Det = : o	Det = : Pl		Det = : específico	N1 = : Nhum				N1 = : N-hum
+	-	ensaio	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	equiparação	+	+	-	-	-	-	entre	+	+	-	+	-
-	+	escala	-	+	+	-	+	-	Loc	-	+	-	-	-
+	-	especulação	+	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	-	estada	-	+	+	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	estadia	-	+	+	-	+	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	+	estorvo	-	+	+	-	-	-	a	+	-	-	-	-
+	-	exceção	+	+	-	-	-	-	para	+	+	-	-	-
+	-	excursão	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	+	expansão	+	+	-	-	-	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	-	expedição	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	expedição	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	fuga	+	+	-	-	+	Poss0	para	+	+	-	-	-
+	-	generalização	+	+	-	+	-	-	sobre	+	+	-	-	+
+	-	giro	+	+	-	-	-	Poss0	Loc	-	+	-	-	-
+	-	golpe	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	golpe de estado	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	guerra	+	+	+	+	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	guerra	+	+	+	+	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	hipótese	+	+	-	-	-	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	homenagem	+	+	+	-	+	Poss0	a	+	+	-	-	-
+	-	hostilidades	-	+	+	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	+	idas e vindas	-	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	+	imersão	+	+	+	-	+	Poss0	Loc	-	+	-	-	-
+	-	implicância	-	+	+	-	-	-	com	+	+	-	-	-
+	+	inclinação	-	+	+	-	-	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	incorporação	-	+	-	-	-	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	-	incursão	+	+	+	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	insinuação	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	+	interferência	+	+	+	-	+	-	Loc	-	+	-	-	-
+	+	intervenção	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	introdução	+	+	-	+	-	-	a	-	+	-	-	-
+	+	intromissão	+	+	+	-	+	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	+	investida	+	+	+	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	investigação	+	+	+	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	-	jogo	+	+	+	+	+	Poss0	com	+	-	-	-	-
+	-	junção	+	+	+	+	+	-	entre	-	+	-	+	-

TÁBUA F2 :
NO FAZER Det N (E + Prep N1)

NO		N	Det					Prep	N1		NO e N1 fazem Det N	GN = : ON entre N1 e N2	Vcomp	
NO = : Nhum	NO = : Nhum		Det = : um	Det = : um - Modif	Det = : E	Det = : o	Det = : Pl		Det = : específico	N1 = : Nhum				N1 = : Nhum
+	-	lesão	+	+	-	-	+	-	Loc	+	-	-	-	-
+	-	levantamento	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	+	ligação	+	+	+	+	+	-	entre	+	+	-	+	-
+	+	luta	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	manifestação	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	+	marca	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	meditação	-	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	mistério	-	+	+	-	-	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	movimento	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	+	movimento	+	+	+	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	negociações	-	+	+	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	negócio	+	+	+	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	nota	+	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	-	notícia	+	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	-	objecção	+	+	+	+	+	-	a	+	+	-	-	+
+	-	observação	+	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	-	ofensiva	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	pacto	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	palestra	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	parceria	-	+	+	-	-	-	com	+	-	+	+	-
+	-	parecer	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	+	passagem	+	+	-	-	+	-	por	+	+	-	-	-
+	-	passeio	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	+	penetração	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	peregrinação	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	+	permuta	+	+	+	-	+	-	com	+	+	+	+	-
+	-	pesquisa	+	+	+	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	poema	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	prefácio	+	+	-	+	-	-	a	-	+	-	-	-
+	-	prelecção	+	+	-	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	pressão	-	+	+	-	-	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	previsão	+	+	-	-	+	-	sobre	-	+	-	-	+
+	-	propaganda	+	+	+	-	-	-	a	+	+	-	-	-
+	-	protesto	+	+	-	-	+	Poss0	contra	+	+	-	-	+
+	-	queixa	+	+	-	+	+	-	contra	+	+	-	-	+
+	-	rebelião	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	reclamação	+	+	-	+	+	-	contra	+	+	-	-	+

TÁBUA F2 :
NO FAZER Det N (E + Prep N1)

NO		N	Det					Prep	N1		NO	GN = : NO	Vcomp	
NO = : Nhum	NO = : Nhum		Det = : um	Det = : um - Modif	Det = : E	Det = : o	Det = : Pl		Det = : específico	N1 = : Nhum				N1 = : Nhum
+	-	reconciliação	-	+	-	-	-	Poss0	com	+	+	+	+	-
+	-	referência	+	+	+	-	-	-	a	+	+	-	-	+
+	-	reflexão	-	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	-	remendo	+	+	-	-	+	-	Loc	-	+	-	-	-
+	-	represálias	-	+	-	-	+	-	contra	+	-	-	-	-
+	-	repressão	-	+	+	-	-	-	contra	+	-	-	-	-
+	+	resistência	-	+	+	-	-	-	a	+	+	-	-	-
+	+	retirada	-	+	-	-	-	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	-	reunião	+	+	-	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	revolta	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	revolução	+	+	-	-	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	-	rixa	+	+	-	-	+	-	com	+	-	-	-	-
+	-	romaria	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
-	+	rumo	-	-	+	-	-	Poss0	Loc	-	+	-	-	-
+	+	saída	-	+	-	-	-	Poss0	Loc	+	+	-	-	-
+	-	segredo	-	+	+	-	-	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	sillêncio	-	+	+	-	-	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	sociedade	+	+	+	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	teoria	+	+	+	-	+	-	sobre	+	+	-	-	-
+	-	toque	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	-	trama	+	+	-	-	+	-	contra	+	-	-	-	-
+	-	tréguas	-	+	+	-	+	-	com	+	-	+	+	-
+	-	união	+	+	-	-	-	Poss0	com	+	-	+	+	-
+	-	variações	+	+	+	-	+	-	sobre	-	+	-	-	-
+	-	vaticínio	+	+	-	+	+	-	sobre	+	+	-	-	+
+	-	vergonhas	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-
+	+	viagem	+	+	-	-	-	-	Loc	-	+	-	-	-
+	-	vingança	+	+	-	+	+	-	contra	+	+	-	-	-
+	+	voo	+	+	-	-	+	-	Loc	+	+	-	-	-

TÁBUA F3:
NO FAZER Det (E + a NI)

N	Det					de V o c o m p	s o b r e N 2	V o i n f
	D e t = : u m	D e t = : u m - M o d i f	D e t = : E	D e t = : P l	D e t = : e s p e c í f i c o			
aceno	+	+	-	+	-	-	-	-
adeus	-	+	+	-	Poss0	-	-	-
advertência	+	+	-	+	-	+	+	+
afago	+	+	-	+	-	-	-	-
afronta	+	+	+	+	-	-	-	+
agradecimento	+	+	-	+	Poss0	-	-	-
agressão	+	+	-	+	-	-	-	+
amabilidade	+	+	-	+	-	-	-	+
ameaça	+	+	-	+	-	+	-	+
anúncio	+	+	-	+	-	+	+	+
apelo	+	+	-	+	-	+	-	+
armadilha	+	+	-	+	-	-	-	+
assédio	-	+	+	-	-	-	-	-
ataque	+	+	-	+	-	-	+	-
aviso	+	+	-	+	-	+	+	+
brutalidade	+	+	-	+	-	-	-	+
calúnia	+	+	-	+	-	-	-	-
carícia	+	+	-	+	-	-	-	-
caridade	-	+	+	-	Poss0	-	-	+
carinho	+	+	-	+	-	-	-	+
cena	+	+	-	+	-	-	-	+
censura	+	+	-	+	-	+	+	+
cilada	+	+	-	+	-	-	-	+
comentário	+	+	-	+	-	+	+	+
comunicação	+	+	-	+	-	+	+	+
concessão	+	+	-	+	-	-	-	+
concorrência	-	+	+	-	-	-	-	-
conferência	+	+	-	+	-	-	+	-
confidência	+	+	-	+	-	+	+	+
confissão	+	+	-	+	Poss0	+	+	+
continência	-	+	+	-	E	-	-	-
convite	+	+	-	+	-	-	-	+
cortesia	+	+	-	+	-	-	-	+
crítica	+	+	-	+	-	+	+	+
crudeldade	+	+	-	+	-	-	-	+
cumprimento	+	+	-	+	Poss0	+	+	+
curativo	+	+	-	+	-	-	-	-

TÁBUA F3:
NO FAZER Det (E + a NI)

N	Det					de V o c o m p	s o b r e N 2	V o i n f
	D e t = : u m	D e t = : u m - M o d i f	D e t = : E	D e t = : P i	D e t = : e s p e c i f i c o			
dano	-	+	+	+	-	-	-	+
declaração	+	+	-	+	Poss0	+	+	+
delicadeza	+	+	-	-	-	-	-	+
desafio	+	+	-	+	-	-	-	+
desaforo	+	+	-	+	-	-	-	+
desconsideração	+	+	-	-	-	-	-	+
desconto	+	+	+	-	E	-	-	-
descortesia	+	+	-	-	-	-	-	+
desfalque	+	+	+	+	-	-	-	-
desfeita	+	+	-	+	-	-	-	+
deslealdade	+	+	-	-	-	-	-	+
desonra	+	+	-	-	-	-	-	+
desumanidade	+	+	-	-	-	-	-	+
discurso	+	+	-	+	-	-	+	-
donativo	+	+	-	+	-	-	-	-
elogio	+	+	-	+	-	+	+	+
entrevista	+	+	-	+	-	-	+	+
exigência	+	+	-	+	Poss0	+	+	+
exortação	+	+	-	-	-	-	-	+
exposição	+	+	-	+	Poss0	-	+	-
facilidade	+	+	-	+	-	-	-	+
falta	-	+	+	-	-	-	-	-
farsa	+	+	-	+	-	+	-	+
favor	+	+	-	+	-	-	-	+
festa	+	+	-	+	-	-	-	-
filho	+	+	-	+	-	-	-	-
fineza	+	+	-	-	-	-	-	+
fitas	+	+	+	+	-	+	-	+
fraude	+	+	-	+	-	-	-	+
gentileza	+	+	-	+	-	-	-	+
gesto	+	+	-	-	-	-	-	+
grosseria	+	+	-	+	-	-	-	+
homenagem	+	+	+	-	Poss0	-	-	-
humilhação	+	+	-	+	-	-	-	+
imposição	+	+	-	+	-	+	+	+
infidelidade	+	+	-	-	-	-	-	+
injúria	+	+	-	+	-	+	-	+

TÁBUA F3:
NO FAZER Det (E + a N1)

N	Det					de V o c o m p	s o b r e N 2	V o i n f
	D e t = : u m	D e t = : u m - M o d i f	D e t = : E	D e t = : P l	D e t = : e s p e c i f i c o			
injustiça	+	+	-	+	-	-	-	+
inquérito	+	+	-	+	-	-	+	-
insulto	+	+	-	+	-	-	+	-
interrogatório	+	+	-	+	-	-	-	-
intimação	+	+	-	+	-	-	-	-
inveja	-	+	+	-	-	-	-	+
jeito	+	+	-	+	-	-	-	+
judiaria	+	+	-	+	-	-	-	+
jura	+	+	-	+	-	+	-	+
juramento	+	+	-	-	-	+	-	+
lamentação	+	+	-	+	Poss0	+	+	+
lavagem ao cérebro	+	+	-	+	-	-	-	-
lisonja	+	+	-	+	-	+	+	+
louvor	+	+	-	+	-	+	+	+
maldade	+	+	-	+	-	-	-	+
meiguice	+	+	-	+	-	-	-	-
notificação	+	+	-	+	-	-	+	+
obséquio	+	+	-	+	-	-	-	+
observação	+	+	-	+	-	+	+	+
ofensa	+	+	+	+	-	+	+	+
oferta	+	+	-	+	-	-	-	+
ovação	+	+	-	+	-	-	-	-
pagamento	+	+	-	+	-	-	-	-
pedido	+	+	-	+	-	+	-	+
pergunta	+	+	-	+	-	-	+	-
perseguição	+	+	-	-	-	-	-	-
pirraça	-	+	+	-	-	-	-	-
pregação	+	+	-	+	Poss0	-	+	-
promessa	+	+	-	+	-	+	+	+
proposta	+	+	-	+	-	-	+	+
provocação	+	+	-	+	-	-	-	+
queixa	+	+	-	+	Poss0	+	+	+
recepção	+	+	-	-	-	-	-	-
recomendação	+	+	-	+	Poss0	+	+	+
reinvindicção	+	+	-	+	Poss0	+	+	+
reparo	+	+	-	+	Poss0	+	+	+
repreensão	+	+	-	-	-	+	+	+

TÁBUA F3:
NO FAZER Det (E + a NI)

N	Det				Det = : específico	de V o c o m p	s o b r e N 2	V o i n f
	Det = : um	Det = : um - Modif	Det = : E	Det = : Pl				
repto	+	+	-	+	-	-	-	-
revelação	+	+	-	+	-	+	+	+
reverência	+	+	-	-	-	-	-	-
saudação	+	+	-	-	Poss0	-	-	-
serviço	+	+	-	+	-	-	-	+
signal	+	+	+	+	E	+	-	-
sugestão	+	+	-	+	-	+	+	+
súplica	+	+	-	+	-	+	+	+
surpresa	+	+	-	+	-	-	-	+
tiranía	+	+	-	+	-	-	-	+
tortura	+	+	-	+	-	-	-	+
traição	+	+	-	+	-	-	-	+
trapaça	+	+	-	+	-	-	-	+
ultraje	+	+	-	+	-	-	-	+
vergonha	+	+	-	+	-	-	-	+
vexame	+	+	-	-	-	-	-	+
violência	+	+	-	-	-	-	-	+
visita	+	+	-	+	Poss0	-	-	-

TÁBUA F4:
NO FAZER Det N (E + de NI)

N	Det					NO FAZER um N	NI		NI re um N	NO FAZER um N a NI
	Det =: um	Det =: um - Modif	Det =: E	Det =: o	Det =: Pl		NI =: N hum	NI =: N - hum		
abertura	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
absolvição	-	+	-	+	-	+	+	+	-	-
acabamento	+	+	-	+	+	-	-	+	-	+
adaptação	+	+	-	+	+	-	-	+	-	-
adoção	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-
análise	+	+	-	+	+	+	+	+	-	+
apanhado	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-
apologia	+	+	-	+	-	+	+	+	-	-
apoteose	-	+	-	+	-	-	+	+	-	-
apresentação	+	-	-	+	-	-	+	+	-	-
aprovação	-	+	-	+	-	-	+	+	-	+
aproveitamento	+	+	+	+	+	-	+	+	-	-
aumento	+	+	-	+	-	-	-	+	-	+
balanço	+	+	-	+	+	+	-	+	+	-
bloqueio	-	+	-	+	-	-	-	+	-	+
cálculo	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-
câmbio	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
caracterização	-	+	-	+	-	-	+	+	-	-
catálogo	+	+	-	+	-	+	+	+	-	-
chamada	-	+	-	+	-	-	+	-	-	-
circuito	-	+	-	+	-	-	-	+	+	-
classificação	+	+	-	+	-	-	+	+	-	-
cobertura	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
concessão	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
condenação	+	+	-	+	-	+	+	+	-	+
conferência	-	+	-	+	-	-	+	+	-	-
confirmação	+	+	-	+	-	+	+	+	-	-
contaminação	-	+	-	+	-	-	+	+	-	-
contestação	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+
convergência	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
correção	+	+	-	+	-	-	-	+	-	+
cotejo	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
crítica	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+
declaração	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
deferimento	-	+	-	+	-	-	-	+	-	+
defesa	+	+	-	+	-	+	+	+	-	-
delação	-	+	+	+	-	+	+	+	-	-

TÁBUA F4:
NO FAZER Det N (E + de N1)

N	Det					NO FAZER um N	N1		N1 tem um N	NO FAZER um N a N1
	Det =: um	Det =: um - Modif	Det =: E	Det =: o	Det =: Pl		N1 =: N hum	N1 =: N - hum		
denúncia	+	+	-	+	-	+	+	+	-	-
deportação	-	+	-	+	-	+	+	-	-	-
depósito	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
desagregação	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
descida	+	+	-	+	-	+	-	+	-	-
descrição	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
desmembramento	+	+	-	+	-	-	+	+	-	+
desmentido	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-
desvio	+	+	+	-	+	-	-	+	-	-
detenção	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-
diminuição	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
discussão	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
dispêndio	-	+	+	-	-	-	-	+	-	-
dispersão	-	+	+	+	-	-	-	+	-	-
dissolução	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
doação	+	+	+	+	+	+	-	+	-	-
eleição	-	+	-	+	-	+	+	+	-	-
elogio	+	+	-	+	-	+	+	+	-	+
embargo	+	+	+	+	-	+	-	+	-	+
escolha	-	+	-	+	-	+	+	+	-	-
estatutos	-	+	-	+	+	-	-	+	-	+
esterelização	+	+	-	+	-	+	-	+	-	+
estudo	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
exame	+	+	-	+	-	+	+	+	-	-
expedição	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
explicação	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
exploração	+	+	-	+	-	-	+	+	-	-
extracção	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-
galhofa	-	+	+	-	-	-	+	+	-	-
gasto	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-
glosa	+	+	-	-	+	+	-	+	-	+
gravação	+	+	-	-	-	+	-	+	-	-
greve	+	+	+	-	+	+	-	+	-	-
guarda	-	+	-	+	-	-	+	+	-	+
hipótese	+	+	-	-	+	+	-	+	-	-
história	+	-	-	+	-	+	+	+	+	-
identificação	+	+	-	+	-	+	+	+	-	-

TÁBUA F4:
NO FAZER Det N (E + de N1)

N	Det					NO FAZER um N	N1		N1 tem um N	NO FAZER um N a N1
	Det =: um	Det =: um - Modif	Det =: E	Det =: o	Det =: Pl		N1 =: N hum	N1 =: N - hum		
imitação	+	+	-	-	+	+	+	+	-	-
implantação	+	+	+	-	+	+	-	+	-	-
interpretação	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
interrupção	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
invocação	+	+	-	+	+	+	+	+	-	+
justaposição	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
lançamento	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
levantamento	+	+	-	+	+	-	-	+	-	-
média	+	+	-	+	-	+	+	+	-	-
menção	-	+	+	+	-	-	+	+	-	-
modelo	+	+	-	+	+	+	-	+	+	-
negação	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
panegírico	+	+	-	+	-	+	+	-	-	+
paródia	+	+	-	-	-	+	+	+	-	+
plano	+	+	-	+	+	+	-	+	+	+
poema	+	+	-	-	-	+	-	+	-	+
preparativos	-	+	-	+	+	-	-	+	-	-
preservação	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
prevenção	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
programa	+	+	-	+	-	+	-	+	+	+
projecto	+	+	-	-	-	+	-	+	-	+
propaganda	-	+	+	+	-	-	+	+	-	+
prorrogação	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
protecção	-	+	-	+	-	-	+	+	-	+
realização	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
reanimação	-	+	-	+	-	+	+	-	-	+
reclame	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+
recusa	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-
redução	+	+	+	+	+	-	+	+	-	-
reforço	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
reforma	+	+	-	+	+	+	-	+	-	+
registo	+	+	+	+	-	+	+	+	-	-
repartição	+	+	-	+	-	-	-	+	+	-
representação	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-
repúdio	-	+	-	+	-	-	+	+	-	-
reserva	+	+	-	-	+	+	-	+	-	-

TÁBUA F4:
NO FAZER Det N (E + de NI)

N	Det					NO FAZER um N	NI		NI tem um N	NO FAZER um N a NI
	Det =: um	Det =: um - Modif	Det =: E	Det =: o	Det =: Pl		NI =: N hum	NI =: N - hum		
restauro	+	+	-	+	-	+	-	+	-	+
resumo	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
retenção	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
retrato	+	+	-	+	+	+	-	+	-	+
revelação	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
revista	+	+	-	+	+	+	-	+	-	+
romance	+	+	-	-	-	+	-	+	-	-
saque	+	+	-	+	-	+	-	+	-	+
seguimento	-	+	-	+	-	-	-	+	-	+
segurança	-	+	-	+	-	-	-	+	-	+
selecção	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
separação	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
teoria	-	+	-	+	-	+	-	+	-	-
tradução	+	+	-	-	+	-	-	+	-	-
transcrição	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
transferência	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
transmissão	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
transplantação	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-
transporte	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
tratado	+	+	-	-	-	+	-	+	-	-
travessia	+	+	-	+	-	+	-	+	-	-
trespasse	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-
uso	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-
versão	+	+	-	-	+	+	-	+	-	-
veto	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+
violação	+	+	-	+	-	-	-	+	-	-

TÁBUA F5:
NO FAZER C

NO			Det	N	GN : O N
N o : : N h u m	N o : : N h u m	N o : : N h u m			
+	-	-	E	acto de presença	-
+	-	-	E	áfricas	-
+	-	-	E	arte	-
+	-	-	E	avenida	-
+	-	-	E	beicinha	-
+	-	-	E	beicinho	-
+	-	-	E	beijo	-
+	-	-	o	bem	+
+	-	-	E	biquinho	-
-	+	-	E	boca	-
+	-	-	E	boquinha	-
+	-	-	E	caixinha	-
+	-	-	Poss0	caminho	-
+	-	-	E	castelos no ar	-
+	-	-	E	cera	-
+	-	-	Poss0	comunhão solene	+
+	-	-	a	cruz na marca	-
+	-	-	E	cruzes na boca	-
+	-	-	Poss0	dever	-
+	-	-	o	diabo a quatro	-
-	+	-	E	época	-
+	+	-	E	escola	-
+	-	-	E	espírito	-
+	-	-	E	exercício	-
+	-	-	o	exercício	+
+	-	-	E	figas	-
+	-	-	um	figura triste	-
+	-	-	E	filosofia	-
+	-	-	E	finca-pé	-
+	-	-	E	gazeta	-
+	-	-	E	género	-
+	-	-	o	gosto ao dedo	-
-	+	-	E	história	+
+	-	-	E	horas	-
+	-	-	Poss0	jogo	-
-	+	-	E	lei	-
+	-	-	E	má figura	-

TÁBUA F6 :
 NO FAZER C (E + Prep NI)

NO			Det	N	Prep	NI		NO e NI fazem Det N
N O =	N O =	N O =				N I =	N I =	
H E E N :	H E E N :	H E E N :	E	sensação	Loc	+	+	-

TÁBUA F7 :
NO FAZER C (E + a NI)

NO			Det	N	N I	
N O = : N h u u B	N O = : N h u u B	N O = : N h u u B			N I = : N h u u B	N I = : N h u u B
+	+	+	E	agravo	+	-
+	-	-	a	barba	+	-
+	-	-	a	cama	+	-
+	-	-	E	caridade	+	-
+	+	-	E	companhia	+	+
+	-	-	as	contas	+	-
+	-	-	E	dificuldades	+	-
+	+	+	E	entrave	+	+
+	+	+	E	espécie	+	-
+	-	-	E	face	-	+
+	-	-	umas	facilidades	+	-
+	-	-	E	frente	+	+
+	+	+	E	honra	+	-
+	-	-	E	honras	-	+
+	-	-	as	honras da casa	+	-
+	+	+	E	jus	+	+
+	+	-	E	justiça	+	+
+	-	-	E	má cara	+	-
+	-	-	E	negaças	+	-
+	+	+	E	obstáculo	+	+
+	-	-	E	olhinhos	+	-
+	-	-	E	olhos ternos	+	-
+	-	-	E	oposição	+	+
+	-	-	E	ouvidos de mercador	+	+
+	+	+	E	sombra	+	-
+	+	+	a	vida negra	+	+
+	-	-	E	vista grossa	+	+
+	-	-	as	vontades	+	+

Escola Superior de Educação
de Castelo Branco
BIBLIOTECA